LIBRARY OF PRINCETON
FEB 1 200
THEOLOGICAL SEMINARY

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci3311unse

ıo XXXIII – Brasil – E. S. Paulo – Matão, 15 de Fevereiro de 1957 – N.

Revista Internacional do Espiritismo

LAP

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR
CAIRBAR SCHUTEL
(De 1925 a 1938)

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 1 5 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

32.° Ano de Existência . . . . . *Redação*
O Êrro . . . . . *Henrique Rodrigues*
Os Astros nada revelam em favor da Astrologia . . . . . *V. O. Casella*
Memórias de um Espírita Baiano . *Leopoldo Machado*
Homenagem Involuntária . . . . *Ismael Gomes Braga*
Epílogo do Natal... . . . . *General Levino C. Wischral*
O Judeu, sua História, sua Missão . *Bianor Medeiros*
Quatro Faixas de Consciências . . *Newton Boechat*
Livros e Autores . . . . . *Leopoldo Machado*
Crônica Estrangeira . . . . . *Redação*
A Vida . . . . . *Manuel Cavaco*
Espiritismo no Brasil . . . . . *Redação*

Interpretação Sintética do Apocalipse

Avisamos aos interessados, que já saiu do prélo e está à venda, a 7.ª edição da obra do nosso querido companheiro Cairbar Schutel — «INTERPRETAÇÃO SINTÉTICA DO APOCALIPSE». Trata-se de um trabalho realmente substancioso, claro, sucinto, oportuno, de facil compreensão e de atualidade.

E' um dos trabalhos mais perfeitos no assunto de que trata, podendo-se afirmar que se S. João recebeu do Espírito de Jesus as revelações apocalípticas, — Cairbar Schutel recebeu a sua interpretação de um Espírito também superior. E' um livro do momento, porque as profecias apocalípticas estão em pleno desenvolvimento, possivelmente no meio do caminho.

— A' venda na Livraria «O Clarim».

Preço : cr.$ 15,00, inclusive porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

O DIABO E A IGREJA
Em face do Cristianismo

Acaba de sair do prélo a 5.ª edição de «O Diabo e a Igreja em face do Cristianismo», da autoria do nosso querido companheiro Cairbar Schutel, que responde, ao pé da letra, ao livro do Revmo. Padre Bento Rodrigues e aos artigos de monsenhor Seckler contra o Espiritismo.

E' um livro de esclarecimento, que desperta em todos, a idéia, o raciocínio e o sentimento da Imortalidade, mostrando, com clareza e argumentos irretorquíveis, o sentido espiritual, verdadeiro do Cristianismo, que vem sendo deturpado ou mal entendido pelas religiões mundanas. Da sua leitura há muito que aprender no campo da Verdade.

A' venda na Livraria «O Clarim». Preço : Cr. $ 15,00, inclusive porte e registro.

OBRAS RECOMENDÁVEIS

Assuntos Evangélicos

Vida e Atos dos Apóstolos
O Espírito do Cristianismo
Cristianismo e Espiritismo
Na seára do Mestre
Em torno do Mestre
Na Escola do Mestre
O Espiritismo à Luz do Evangelho

Obras básicas do Espiritismo

Evangelho Segundo o Espiritismo
Livro dos Espíritos
Livro dos Médiuns
O Céu e o Inferno
Obras Póstumas
A Genesis
Instrução Prática sôbre as Manifestações Espíritas
Doutrina Espírita
O que é o Espiritismo
Principiante Espírita

Vários assuntos:

A Alma é Imortal
Animismo ou Espiritismo?
A Grande Esperança
Comentários à Historia das Religiões
Um caso de Desmaterialização
Animismo e Espiritismo
Ciência Metapsíquica
Evolução
A reencarnação e suas provas
O Esp. e os Problemas Humanos
As Noúres
A crise da Morte
Fenômenos de «Transporte»
Tem Razão?
Novos Rumos à Medicina — 2.° vol.
Cientismo e Espiritismo
O Espiritismo perante a ciência
Depois da morte
Sessões Práticas e Doutrinárias do Espiritismo
No Invisível

Romances:

Nas telas do Infinito
Estela
O Sinal da Vitória
Almas Crucificadas
Casa Assombrada (A)
O Solar Fatídico
A Lenda do Montinhoso
Do Calvário ao Infinito
Marieta
Marta
Memórias do Padre Germano
O Espírito das trevas
Vítimas do Preconceito
Eleonora
Alguem chorou por mim
Mireta
Herculanum
Almas que Voltam
O céu em nossas almas
Lidia
Abadia dos Beneditinos
Chanceler de Ferro
Memórias de um Suicída
O Beijo da morta
Reis, Príncipes e Imperadores
Mansão Renoir

Infantís:

Catecismo Espírita
Os milagres de Jesus
Historietas do Irmão Monteiro
João Vermelho no Mundo dos Espíritos
História de Catarina
Contos Infantís Espíritas
Alvorada Cristã
Caminho Oculto (O)
Histórias que Jesus contou
Filhos do Grande Rei (Os)
História de Maricota
Jardim da Infância
O Meu Diário
O Espiritismo na Infancia
O Evangelho das Crianças

Todas estas Obras acham-se à venda na Livraria «O CLARIM»—Caixa Postal, 11 - Matão - E. S. Paulo.—Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

ANO XXXIII — E. S. Paulo — Matão, 15 de Fevereiro de 1957 — NUM. 1

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *José da Costa Filho* — REDATOR : *A. Watson Campêlo*

GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*

Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

32.º Ano de Existência

QUANDO o nosso querido companheiro Cairbar Schutel fundou esta Revista, longe estava de imaginar que ela atingisse tão apreciável número de anos, em face das dificuldades encontradas para a sua difusão e manutenção. Graças, porém, à sua dedicação e trabalho ativo e perseverante, fruto da sua fé, daquela fé que remove montanhas e transplanta sicômoros, esta Revista completa hoje trinta e dois anos de existência, toda ela dedicada à pregação e defesa da Verdade sob os auspícios do Espiritismo, o Parácleto da Promessa de Jesus.

Cairbar lutou com todas as fôrças de sua alma para que a sua obra, que tinha o bafejo do Alto, prosseguisse na sua missão de esclarecer as criaturas à luz da Verdade. A sua luta foi realmente renhida, tendo à sua frente um ambiente hóstil ao Espiritismo, como até hoje ainda o é, mas naquele tempo o matagal da ignorância era mais cerrado, exigindo dos bandeirantes do Espiritismo mais esforços, coragem e atividade. E' verdade que estamos conservando uma obra que nos foi entregue já feita, mas as dificuldades persistem em face da situação anormal por que o mundo passa, exigindo de todos novas medidas em virtude da marcha assombrosa da inflação, que criou um regimen de instabilidade e desassôssego. Nós mesmos, em consequência disso, fomos forçados a aumentar o preço da assinatura desta Revista, o que nos contrariou bastante. Mas não tivemos outra alternativa, se quisermos que a sua vida não seja interrompida. A luta é renhida, mas havemos de vencer e «Revista Internacional do Espiritismo», prosseguirá no seu elevado trabalho de esclarecimento, afim de que o reinado do espírito seja estabelecido no mundo, conforme a vontade de Deus.

Temos nos esforçado o mais possível para satisfazer os nossos prezados leitores. Talvez a muitos não tenhamos agradado, mas uma cousa podemos afirmar: o nosso lema é: a Verdade acima de tudo, tanto mais que o nosso dever é pregar e defender a Verdade, procurando manter firmes os alicerces da Doutrina, separando o joio do trigo.

Noticiando o 32.º aniversário desta Revista, estamos ao mesmo tempo rendendo uma homenagem ao seu fundador, Cairbar Schutel, e a um outro idealista, Luiz Carlos de Oliveira Borges, que ajudou apreciavelmente Cairbar na consecução desta obra, pois comprou máquinas, tipos e papel para a impressão deste orgão.

Finalizando, agradecemos de coração a todos quantos nos prestaram o seu indispensável concurso na manutenção desta Revista, aos nossos distintos colaboradores, leitores, assinantes, repre-

sentantes-viajantes, representantes locais, auxiliares de redação e oficinas e, em particular, aos Espíritos Superiores, entre os quais o nosso querido companheiro Cairbar, a quem pedimos nos ajudar como sempre, para que possamos dar cabal desempenho a esta tarefa que nos é comum.

O ÊRRO

Henrique Rodrigues

TEMOS acompanhado com atenção alguns debates em tôrno da falência dos homens, através do que se convencionou chamar seus erros e pecados. Não tivessem ventilado com tal frequência o assunto em questão, e êste trabalho não seria escrito. Para alguns, o homem que fale não pode ser de essência divina, palavra essa que mal define o princípio, a razão e a estrutura humana. Argumentam, e com razão, que a suprema divindade não pode errar, nem mesmo em suas menores manifestações, e que, portanto, o que cái em êrro nega por essa lógica a sua condição e origem divina. Se o problema for situado nesse plano e as consciências em litígio se negarem a elevar-se acima do imediato conceito das palavras, então, a verdade tão ansiosamente procurada, esconder-se-á ainda mais, obumbrada pelas nuvens da ignorância. Necessário se torna portanto pesquisar o fenômeno com diferente projeção. Imperioso o alargamento dos limites do problema, para, pela sequência do que o antecede, com suas causas e efeitos, ações e reações, buscar na explicação do ontem a razão do hoje e a destinação no amanhã. O homem que fala e escreve, precisa desligar-se mais que os outros dos dogmas de qualquer doutrina, das antiquadas concepções filosóficas e das abstrações improváveis da ciência. Necessita diminuir sua ignorância, em relação aos limites de conhecimento que o momento atual comporta. O fanatismo bíblico e a cristalização nos ensinos de Kardec impossibilitam deduções compatíveis com as realidades do momento que passa, subtraindo ao espírito sua natural sêde de conhecimento. Kardec, o grande e inesquecível Kardec, cuja missão entre nós jamais será esquecida, compreendeu bem seu trabalho e suas possibilidades. Coube a êle igual à agulha da bússola dar a direção, e numa demonstração sublime de sua espetacular capacidade, deixou bem claro não ter dito êle a última palavra. Falará aquí a autoridade do Prof. Clovis Tavares, autoridade que graciosamente não lhe damos, pois é oriunda de seu vastíssimo conhecimento nos três campos da doutrina espírita e também pela respeitável bagagem de obras, no terreno social-cristão. Diz êle: — «Se Allan Kardec, o iluminado missionário do século 19, apresenta ao mundo intoxicado e aflito as primícias do Consolador, não foi mais feliz que Sócrates ou Buda. Sua mensagem de humildade e amôr fraterno vai sendo desintegrada pelas mãos inexperientes de seus próprios amigos».

Para explanar nossas deduções referentes a ser ou não ser nossa alma de essência, origem, partícula, luz ou qualquer outra definição divina, e para bem demonstrar a danosa influência de nossa ignorância no estudo do assunto, remontarei ao passado, e contarei não uma história sem fundamentos, mas os fatos de uma história.

Retrocedamos alguns séculos. E' uma bela noite de primavera e estamos às portas de uma cidade bávara. As pesadas portas de ferro, comumente fechadas estão abertas de par em par. Seus habitantes, atemorizados, dirigem-se calados, em imensa procissão para uma colina existente nas cercanias, onde já se encontravam os mais altos dignatários do poder temporal entre aquêle povo. Os conselheiros, com seus bastões de punho de ouro, acompanhados de oficiais da Guarda Municipal, altivos e marciais, estavam situados sob os ramos de uns álamos. Não longe deles estavam os principais sábios e notáveis cientistas da época, com o semblante que mais lhes convinha, ou seja, severo e preocupado. Também lá estavam o cirurgião e médico da cidade, o farmacêutico, o bibliotecário e alguns magistrados. Os camponêses, operários e velhos mestres com seus aventais brancos ou de

couro, com gola de pêlo, as mulheres e as crianças, gente de toda a classe e condição, agrupavam-se por todas as partes e os que estavam bem acomodados, delicadamente se apertavam ou empurravam, dentro dos limites permitidos pela bôa educação, visando o ponto onde se encontravam os conselheiros e os homens de maior saber, afim de recolherem alguma palavra que escapasse dos que eram considerados senhores da verdade. Súbito, todos os olhares dirigiram-se para o horizonte, pois lá, onde o céu e a terra se encontravam, uma luz brilhante e que deixava uma longa e também brilhante esteira riscava o firmamento, em busca do horizonte oposto. Tão longa era a cauda, que ocupava quase a metade dêsse percurso. O sineiro, na torre da igreja, badalava seu instrumento insistentemente, pois, como lhe haviam asssegurado, o som do sino, tinha a propriedade de afastar as propriedades malígnas do cometa. Todos os olhos se dirigem temerosos para o astro, que parecia querer sózinho ocupar todo o céu. Formou-se logo um grupo em tôrno de um ancião que já vivia no ano de 1.618, quando sobreveio uma peste malígna, que segundo êle, havia sido provocada por um cometa que pouco tempo antes havia aparecido. Suas palavras penetravam como punhais, ao descrever os horrores da «morte negra», e tantos eram os mortos, que não havia como enterrá-los. O cirurgião informava por sua vez que em 1 577, quando um poderoso cometa cruzou os céus do império, morreram muitos homens e muito gado porque os gazes venenosos que o cometa deixara nas águas das fontes e na erva dos campos tudo contaminou com sua peçonha. O farmacêutico para não ficar em posição inferior, contou que em 1.582 um cometa passou pelos céus da Dinamarca, e que por culpa disto, sucederam partos monstruosos, de sêres que davam medo de vêr, e que foram denominados de «filhos do cometa», e estribado nisso, o cura assegurou que a êsses foi negado o santo batismo. Assim se expressavam os mais velhos, velhos por não quererem compreender a necessidade de estudo, e a imperiosidade de constantemente modificarmos nossas concepções. Fazendo frente a um dos sábios que dizia ter visto espêssa bruma deixada pelo rastro do cometa, um jovem, magistrado, ponderou que talvez isso fosse devido a condições metereológicas locais, mas a verdade é que a esmagadora maioria preferiu dar mais crédito ao que denominavam «experiência» dos mais velhos, à sábedoria e reflexão do jovem. Trancrevo aquí, a crônica rimada do conhecido cronista Wolfgang Hildebrand, feita no ano de 1.690. Na tradução que sou obrigado a fazer omito a rima, o conceito, porém, será transportado integralmente:

«Todos os cometas nos anunciam por [certo
muitas desgraças penas e calamidades,
E nunca acontecerá que o brilho de [um cometa
não tenha um mau significado.
Oito classe de males pode causar
O aparecimento de um cometa no céu:
Muita febre, enfermidade, peste e morte,
tempos difíceis, escassez e fome,
imenso calor, sêcas e infecundidade,
guerra, roubo e assassinios, motins, in- [veja e brigas,
Frio, tempestades e tormentas,
recaídas e morte de enfêrmos,
ciclones, terremotos em muitas partes,
e uma grande modificação nos regi- [mens imperantes.
Toda essa desgraça se origina
quando um cometa passa pelo céu.
Porém, se fizermos penitência com pu- [reza de propósitos
Deus nos livrará de muitas desgraças e dôres».

O astrônomo Madler, comentando o fato de atribuirem a um cometa no ano de 1.538 a responsabilidade por ter nascido uma criança com duas cabeças, jocosamente concluiu, que numa época em que era tão patente a falta de cabeças, tal acontecimento tinha um significado sensacional.

Encheriamos páginas e páginas para descrever tudo que se atribuia e se comentava em tôrno do aparecimento dos cometas. Basta entretanto o que já foi dito para demonstrar do que é capaz a ignorância, de como pode ela transformar um dos mais belos espetáculos que ao homem pode ser dado apreciar; de uma pálida amostra do indescritível poder criador de Deus, e de seus insondáveis designios no atual plano evolutivo da criatura humana. Pois bem amigos, os ensinamentos contidos não apenas no Evangelho, mas na Bíblia, nos fenômenos da vi-

da, e também em ensinos de Kardec, verdadeiros cometas de luz no firmamento de nosso mundo íntimo, continuam a ser mal interpretados, exagerados, pela mente involuida dos contemporâneos.

O homem é de Essência Divina, ou melhor, Criação Divina. Não apenas em espírito, mas em massa física também. Temos que modificar nossa pálida concepção de Deus, imponderável e ilimitado, que, por ser infinito, co-espacial e coeterno com o Universo, como muito bem definiu meu caro amigo Prof. Romanelli, não pode criar fóra de si. A admitirmos uma ação criadora *fóra* de Deus, estariamos «ipso-fato» limitando-lhe o espaço e como o espaço existe em função do tempo, e este em função daquele, Deus criador em seu exterior, seria portanto finito e limitado. Nós somos células do organismo divino, minúsculas células, como as existentes em nosso organismo, para as quais somos um infinito, e que entretanto, mal grado sua pequenez cumprem sua missão em proveito do todo. Não podemos conceber uma parcela, por menor que seja, perdida nas vastidões do espaço, sem que ali não esteja a presença divina, mesmo que êsse ínfimo volume, esteja situado no mais profundo de qualquer volumosa massa sólida. A variação de densidade, não pode dar margem à concepção também fantasiosa, de maior ou menor percentagem da essência divina, porquanto êsses estados definem momentâneas finalidades, ou seja estados energéticos diferentes.

E a fé, a ciência e a filosofia, em pesquisas múltiplas, em afanoso trabalho de perquirição, chegam finalmente a êsse fator: — ENERGIA. Energia, condição do Deus Cósmico, inconcebível para nós, imponderável, infinito e eterno, talvez mesmo a melhor definição que lhe possamos dar, porque realmente Deus é a energia que estrutura, que sustenta e que conforma todas as coisas. Essa é a razão de nossa afirmativa que Deus cria em si mesmo, em seu íntimo, e tudo o que estiver no íntimo de qualquer fenômeno, é parte dele, é êle mesmo. Compreendemos melhor agora a afirmativa de que «todos vós sois deuses», e ainda aquela em que o Cristo diz: — «Eu e o Pai somos um».

Antes de entrarmos no âmago da questão, façamos uma breve analogia afim de que melhormente sejamos compreendidos no que vimos expondo. Pascal, disse que: — «O homem é nada perante o tudo e tudo perante o nada, ou seja o meio têrmo, entre o tudo e o nada». Apropriando-nos portanto dessa justa afirmativa, podemos dizer que ante a grandeza e potencialidade do Criador, realmente nós seremos um nada, mas seremos um Tudo, um universo, um infinito, para as vidas infinitamente microscópicas que coabitam em nós. Em nós se agitam turbilhões de vida, orgânica e inorgânica, como sejam a vida de bactérias e das organizações atômicas pertencentes aos minerais e demais compostos assimiláveis pela química orgânica. Para deixar bem clara a proporção infinita entre o homem e um átomo, sirvo-me da exemplificação de Carl Stöermer:

«Considere-se que o mundo atual e quanto nêle existe se tornem 100 vezes maiores: os homens passarão a gigantes de 150 a 200 metros de altura, e cada fio de cabelo será tão grosso como uma corda de 1 centímetro de diâmetro. Imagine-se que êsse novo mundo sofra uma ampliação de 100 vezes: os homens terão uma altura de 15 a 20 quilômetros e o fio de cabelo, 1 metro de diâmetro. Suponhamos um terceiro e quarto aumento, ambos na proporção de 1/100. O diâmetro do fio de cabelo atingirá 10 quilômetros e os micróbios serão monstros de 100 metros e uma bola de bilhar terá o raio da Terra. Agora sim, o átomo de hidrogênio adquirirá o diâmetro de ... 1 CENTÍMETRO».

(Continua)

O trabalho do Espiritismo é essencialmente educacional em todas as necessidades da criatura em sua evolução para a perfeição. O desenvolvimento das virtudes ativas e da inteligência, a faculdade de percepção das cousas ou de penetração, enfim, tudo quanto distingue o homem pelo seu saber e dotes de coração tem como alicerce a educação. Portanto, o estudo do Espiritismo a começar de suas obras fundamentais, deve ser o primeiro passo a dar pelos que desejam ser cristãos de verdade.

CAIRBAR.

Os Astros nada revelam em favor da Astrologia

Continuando no mesmo assunto do nosso último trabalho, tentaremos aqui, novamente, esclarecer que a lei de atração e outros fenômenos da natureza dos astros, nada revelam em favor das supostas predições dos astrólogos.

A Terra, que também é um astro, sofre acentuadas influências dos seus mais próximos vizinhos celestes, entre os quais se destacam a Lua e o Sol.

Mas, como já dissemos, não se deve pensar que essas ações desses habitantes do céu sôbre o nosso planeta sejam resultados de extranhas propriedades dêsses corpos de matéria, como se êles fossem entidades com poderes sobrenaturais, intervindo caprichosamente nos nossos assuntos íntimos, favorecendo uns, e outros não, de acôrdo com o dia em que nascemos, conforme propagam os astrólogos nos seus horóscopos.

Isto é uma antiga superstição incompatível com as verdades das leis do Universo.

Os adivinhos, facilitados pelas afirmativas da ciência, sôbre a influência dos astros sôbre a Terra, mesclam estas verdades puras, com as suas supostas predições, emprestando aos seus horóscopos uma aparência de realidade.

Tratemos da Lua, e vejamos qual a sua influência sôbre a Terra, e deixemos os estudos do Sól para a próxima oportunidade.

Como sabemos, a lei de Gravitação Universal revela que todos os corpos possuem fôrça de atração em relação a suas massas e as distâncias que os separam. Assim, a Lua, além de suas propriedades elétrica e magnética suspeitadas pelos investigadores, ela, por estar bem próxima da Terra, exerce poderosa atração sôbre o nosso planeta. As marés, tal qual conhecemos, revelam efeitos da atração lunar.

Nas regiões terrestres periódicamente visitadas pela Lua, nestas ocasiões todos os objetos que ficam ao alcance da sua fôrça atrativa perdem uma fração de seu pêso. Assim, um homem de 100 quilos perde mais de um centigramo dêsse total.

Nestas condições, sob a ação da influência lunar, podemos admitir que certos indivíduos extremamente sensíveis acusem perturbações orgânicas em certas fases da Lua. Mas devemos também considerar que êsses desiquilíbrios orgânicos podem, nas mais das vezes, ter como causa o próprio estado psicológico dêsses lunáticos que, informados sôbre os momentos das aproximações da Lua, acusam antecipadamente seus efeitos, julgando-se vítimas do incômodo visitante.

E' como o paciente, excessivamente nervoso, que antes de sofrer a dor da picada de uma agulha de injeção torna-se agitado, podendo mesmo sofrer uma síncope, quando as vezes a intervenção nem se concretize pelo seu estado antecipado de nervos.

Mas, de uma forma ou outra, as ações da lua sôbre a Terra se passam de acôrdo com as leis naturais do Universo, e não com seu domínio sôbre nossa faculdade de pensar, como pretendem os adivinhos.

Interessante que, de acordo com certos horóscopos, até parece que êstes corpos celestes de matéria são dotados de vontades bôas ou más, como se fôssem sêres vivos animados de alma.

Quanto aos efeitos da Lua sôbre os vegetais, conforme acusam alguns agricultores, com prováveis razões, são assuntos pertencentes à ciência. Uma vez que o astro exerce sua fôrça sôbre tudo que se acha no seu campo de ação, não devemos admirar quando os pesquisadores admitem uma possível influência, em favôr ou não, do desenvolvimento dos vegetais, de acôrdo com as fases do nosso satélite.

Mas entre êsses efeitos lunares e a supostas predições astrológicas não há a mínima relação entre aquêles e estas. Não se pode aceitar essas conjeturas de que a Lua tem poderes para reger nossos negócios, amores, etc., baseando-se nas afirmativas da ciência de que os astros exercem influências sôbre nosso planeta.

Ora, a ciência afirma que há influência, mas na escala planetária, atingindo os sêres vivos na ordem biológica, e não na mente humana, na forma como atribuem os pretensos adivinhos, que dizem lêr nosso destino nos astros.

No Universo temos que considerar o dualismo, material e espiritual. As leis da matéria possuem suas fôrças naturais, mas sem quaisquer propriedades psíquicas. Para sermos mais claros diremos que a-

tração, magnetismo, eletricidade, irradiações de calor, luz, etc., são condições da matéria. Os astros, com as propriedades restritas da matéria, não podem traçar o nosso destino, conforme proclama a Astrologia.

Mas se os astrólogos disserem que sim, e argumentarem que os astros podem governar a nossa vida sòmente com os predicados da matéria, nós lhes perguntaremos: Na matéria inerte, ou seja, sem vida, qual é o seu estranho poder para se intrometer nos nossos assuntos íntimos, governando nosso destino? A base em que se fundamenta a matéria de todos os demais astros do Universo difere da nossa terrestre?

Ora, a ciência até hoje não encontrou no seio da matéria essa misteriosa propriedade imaginada pelos antigos.

Se os astros pudessem ditar ordens para os nossos pensamentos, com predomínio da matéria sôbre o espírito, então, neste caso, não existiria nosso livre arbítrio, e nulo seria o nosso esfôrço próprio para o desenvolvimento das nossas faculdades intelectivas.

Os astrônomos, com todo o seu potente arsenal de observação, pesquisam a natureza dos astros, e até hoje nada encontraram em favor dessas supostas predições dos astrólogos. E nestes estudos, a Lua é um dos astros que tem sido mais vantajosamente devassado, facilitando essas pesquisas devido a pouca distância que nos separam.

Como vemos, os astros nada revelam em favor da Astrologia, pois o nosso destino fundamenta-se nas relações entre as leis da reencarnação e o nosso livre arbítrio, onde o bem e o mal são condições resultantes do nosso estado evolutivo espiritual.

V. O. CASELLA.

Memórias de um Espírita Baiano

LEOPOLDO MACHADO

XIX CAPÍTULO

Fatos Espíritas ouvidos no Hotel Central

1) Foram muitos, e os mais diversos, os fatos espíritas que ouvi no *Hotel Central*.

Nesses fatos, o Joaquim Duarte entrou com um alto contigente de influência. Donde se insere que sua influência, tambem, em mim, em matéria de espiritismo, não foi pequena.

—

2) De tal sorte interessou-me a matéria que, uma feita, num *cêbo* da Rua do Colegio, encontrei três livros espíritas, usados — o *Livro dos Espíritos*, o *Livro dos Médiuns*, o *Céu e o Inferno* — edição do Cincoentenário da *Federação Espírita Brasileira*. Comprei-os e guardei para ler numa oportunidade melhor. Tenho a mania, que ainda conservo neste fim de existência: gosto de comprar e guardar livros para os lêr num amanhã que, às vezes, nunca chega.

—

3) Vou recordar alguns dos fatos dessa época. E os que se me afiguram mais interessantes, mais distintos.

—

4) Tinha falecido a velha Dedé, que nos ajudara a criar, a mim e a meus irmãos. Cito seu nome por extenso, de que era tão ciosa: Atanazia Veridiana de Carvalho. Uma noite, cheguei tarde da rua, madrugada já. Eu e o Duarte e outro hospede. Abrindo a porta, senti a velha Dedé, viva e austera, entre mim e a porta, a profligar-me o ato boêmio. — Parece até que lhe ouvi a voz, aconselhando-me a mudar de vida. — Mediunidade? Vidência? Ilusão? Ainda hoje opino pela ilusão, de vez que nunca fato igual se repetiu, até hoje, comigo. Sou efetivamente, uma criatura à margem de todas as mediunidades...

—

5) O Melão fôra oficial da Policia, afastado de suas funções, porque ficara com o governo na ascenção do Seabra ao poder.

Era espírita e muito grande sua familia. De que iria viver..., pelo menos, enquanto tratasse de sua reintegração, enquanto não encontrasse um emprego. Vem-lhe o guia, um Espírito, e diz-lhe «Você põe, diariamente, pela manhã, um papel e um lapis no seu quarto. Lá porei a dezena que vai dar, logo mais, no

bicho. Você põe dois tostões na dezena. E no fim do mês, cinco tostões na centena, que é para pagar a casa. Não jogue mais. Ele assim fez, enquanto esteve desempregado. Assim que se empregou, teve aviso disso e deixou de receber a visita do guia palpiteiro...

—

6) Sr. Alselmo de Tal... do recôncavo, contava a história de um espírito familiar, e sua zona, da casa de *não me lembro quem*, sempre pronto e serviçal para o que se precisasse em casa. As refeições, por exemplo, bastava se dizer, falta a sobremesa... o pão, a farinha, o vinho, para o vinho, o pão, a farinha. o doce de sobremesa aparecia como que por encanto! Trazia-o o Romãozinho. Mais tarde, já espírita, eu teria que lêr a descrição mais completa das bravatas do Romãozinho, não me lembro em que jornal.

—

7) O Sr. Vitor Batista, espírita praticante de uma cidade do interior, sentira o Espiritismo diferentemente, por que o sentia como fator da caridade. Contava-me que andava por sua cidade um doido nas ruas. Sem familia, sem parentes, sem amigos, sem amparo. Levou-o para sua casa. E pôs-se a tratar dêle com carinhos e cuidados cristãos. Estava enlevado com o que fazia, porque o fazia com o coração...

8) Dois anos depois, apareceu no Hotel um morador da cidade. Perguntei-lhe pelo Vitor Batista e por seu louco.

— Uma tragedia! Uma noite, o louco apanha o machado e, achando aberto o quarto de seu protetor, abre-lhe, de um golpe, a cabeça, matando-o assim. Uma tragedia!

—

9) Foi dessa época o episódio do *Dentão*, que eu pús em meu livro, *Consciências*. Aquele episódio do esposo bilontra, que trocava o convivio do lar, da esposa e dos filhos, por qualquer farra la fóra. Tinha, contudo, bom coração. Numa noite, de volta à casa, dá com uma criança abandonada, a choramingar, debaixo de um lampião. Apanha o menino, disposto a criá-lo. A criança vai aumentando de peso. Ele, adiante, olha o menino, que lhe sorri, abrindo a boca. Lá estava um dentão como a querer-lhe morder. Atirou a criança para o lado, e correu. Mais adiante, em *Água de Meninos*, — porque ele vinha da zona da *Calçada* — caminhando cai, não-cai, morre, não-morre, passa por baixo de outro lampião. Lá estava um cavalheiro, que o chama gentil:

— Que é isso, amigo? Assim, tão cansado... E, assim, você não chegará em casa.

Ele parou e contou, por miudo, sua história, terminando:

— Ah! meu amigo, se você visse o dentão, grande, forte, ponteagudo, furando a boca, de baixo para cima... você morreria de medo.

— Será este o dentão?

E o cavalheiro riu, mostrando o dente enorme.

—

10) O episódio do Dr. Pedro Batista, se não foi da série do Hotel, foi daquela época. Episódio que ainda me apanhou ateu, materialista. Dr. Pedro era um homem sem Deus, sem fé, sem grandes virtudes. Bebia para mais da conta. E gostava de tripudiar sôbre a fé alheia. Não levava a sério as manifestações de fé de sua gente, de toda gente.

11) Um dia, à noite, chuvosa e triste, saíu no seu burro de uma fazenda para outra.

— Deus que o leve, Pedro, dentro dessa noite tempestuosa.

— Deus? Quem há de levar-me é o *Dengoso*, meu burro.

Mas, o *Dengoso* não o levou não. Ao primeiro entrave, deu com êle no chão. Voltou, machucado. Mas, não se emendou.

12) Manifesta-se, em *Esplanada*, um Espírito. Dá o nome de Chico Maquinista. Voltou à Terra na missão temporária de guiar o Dr. Batista à fé. E processam-se fenômenos diários, qual a qual mais interessante. Mandou-se chamar o bacharel-fazendeiro a sua fazenda Biribá, estação de Entre-Rios, para assistir os fatos. Vai, mau grado seu — o espírito diz, antes que êle chegue: «Vem aí o Dr. Pedro Batista. Deve chegar às tantas horas». E ao Doutor: «Vou consigo para a fazenda. Preciso viver consigo, regularmente, por algum tempo. Você porá papel e lápis em seu gabinete, debaixo do tinteiro, que terei muito o que escrever».

Assim sucedeu, efetivamente.

E todos os fatos que se passaram

com o Dr. Pedro Batista e com sua familia, eram fielmente escritos pelo Espírito.

13) Um exemplo, apenas: munindo-se de livros espíritas, que passou a ler com afã, dando de mão a suas bebedeiras, a sua descrença, dr. Batista aproveita-se de todas as folgas para mergulhar nas leituras dos volumes. A horas tantas da tarde, vê êle, caindo do teto, uma espiga de milho assado. as últimas palhas transformadas em cálice e, dentro, um bilhete do espírito: «Dr. Pedro Batista, em virtude de sua familia estar comendo milho assado, sem se lembrar do amigo na roça, tive a lembrança de remeter-lhe esta espiga...» Quando foi embora, anunciou de vesperas, com uma carta emotiva, pedindo que todos se reunissem na sala de jantar para uma prece de despedida. Assim foi. Então, depois, viu-se descer uma linda saudade, grande e viçosa, com um ramo de alecrim espetado, como enfeite. A flor volitara no espaço até cair perto da esposa do Dr. Batista, seu *médium* sem o saber. Todos choraram de emoção e de saudades. O espirito foi se embora. Nunca mais voltou.

14) O Dr. Pedro Batista contou-me tudo isso e mais coisas, e muito mais coisas, numa noite, na casa em que se hospedara, em Salvador. Eu era ateu. Não acreditei naquilo. Mas fiquei calado e silencioso...

—

15) No fim daquele ano de 1912, fui passar férias na fazenda do velho Euzebio, parente longe de minha mãe, na *Pedra*, perto da *Beriba*. Fui em companhia do rapaz, em cuja casa ouvira as *maravilhas* do Dr. Pedro Batista. Fomos visitá-lo, na sua fazenda de Entre-Rios. Mal me apanhou lá, voltou a repetir toda aquela história, agora ilustrada a provas de documentos. E vi, numa caixa preciosa o capucho da espiga de milho, e vi a saudade com o raminho de alecrim secos, e vi outras provas materiais dos episódios ouvidos. E cheguei a ler 19 cartinhas, bilhetes e avisos do Espirito a êle. Mostrava me tudo e dava-me tudo a ler, dizendo. «Eu sentí que o senhor não acreditou muito no que eu lhe contei. Porisso, faço questão que o senhor veja tudo, examine tudo, conheça tudo...»

—

16) Um dia, hospedou-se no Hotel Central um amazonense. Não teve com que pagar, no fim da hospedagem, a conta. Fiei por êle, mandando pôr na minha conta a sua conta. Ele era um dos mais assiduos às nossas conversas sôbre o Espiritismo. Grato ao que lhe fiz, disse ao despedir-se:

— Leopoldo, fico a dever-lhe muito. Mandarei pagar-lhe do Rio, ou de onde estiver. Quero deixar-lhe, contudo, um código de felicidade: este livro. Você, lendo-o, aprenderá, facilmente, a ser feliz.

E deu-me o *Evangelho Segundo o Espiritismo*.

17) Encontrei-o, mais tarde, no Rio, á porta do *Jornal do Brasil*, de que era redator. Demo-nos a conhecer. E disse-lhe:

— Você ainda continua espirita?

— Espírita? Nunca o fui. Sou redator de um jornal católico, presidente de um sindicato de jornalistas, todos carolas, e sou, porisso, católico...

— E feliz? Porque o código da felicidade que você me ofereceu. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, na Bahia, no Hotel Central, eu ainda conservo. E sou espírita, felizmente, muito feliz com êle...

—

18) A. Machado, meu primo, era um rapaz espirituoso e bem estampado. Veio morar comigo no Pelourinho. Gostava de fazer dívidas pelo prazer de fazê-las. Eu sempre fui inimigo de dívidas. Dormiamos no mesmo quarto, cama de frente uma da outra. Estava com insônia. Aliás, a insônia sempre me rondou os dias, desde mocinho. E eu nunca me acostumei a ela. Aquela noite, ele acordou madrugada alta e deu comigo acordado.

— Perdeu o sono, Leopoldo? Que é isso, homem?

— Insônia. Estou pensando no geito mais facil de pagar minhas dívidas.

— Só, por isso? Pois eu vivo cheio de dívidas. Não sei se dormem e como dormem, os meus credores, que eu durmo admiravelmente bem...

—

19) A. Machado deu para ver Espíritos. Parece que Espiritos interessados

em nossa desunião. E passou a dizer muita bobagem. Eu não era espírita. Ninguém em casa entendia de Espiritismo. Não tinha para quem apelar espiritisticamente. O geito foi enviá-lo para o Asilo *São João de Deus*. E fui visitá-lo depois, um domingo. Ainda atacado nem me quís receber...

Homenagem Involuntária

Foi publicado recentemente no Rio de Janeiro um belo volume de lembranças da Reunião Mundial de Esperantistas, realizada no quadro do 36.° Congresso Eucarístico Internacional, de 17 a 24 de Julho de 1955.

O livro vem ornado com lindos clichês, o primeiro dos quais é o manuscrito de S. Eminência o Cardeal D. Jaime Câmara, Arcebispo do Rio de Janeiro, dando autorização eclesiástica para a publicação, no que fez muito bem, porque o livro está em boa doutrina católica, em Esperanto correto, e tem especial significação por haver sido escrito por bispos, padres, doutores católicos de diversos países da América, Europa e Ásia.

Quase todas as teses estão vasadas em linguagem elevada, sem crítica a nenhuma outra igreja nem escola filosófica espiritualista, como soe acontecer nos livros escritos originàriamente em Esperanto e destinados a todos os povos; por isso merece mesmo as aprovações que traz — do Arcebispo do Rio de Janeiro e do provincial dos franciscanos, Fr. Heliodorus Müller.

Mas o que não foi planejado, nem visto, nem aprovado pela igreja nesse lindo volume foi o fazer-se uma homenagem muito honrosa aos espíritas brasileiros, como passamos a demonstrar.

Na tese do Sr. Giovanni P. Faraco, de Florianópolis, que vem publicada nas páginas 172 a 177, há uma proposta de fundarem uma Associação dos Esperantistas Católicos, destinada a publicar obras em e sôbre o Esperanto, em oposição ao que estão fazendo os espíritas. Para justificar essa proposta, teòricamente aprovada, mas que não foi posta em prática, o autor dá esclarecimentos que redundam numa interessante homenagem aos espíritas. Vamos traduzir fielmente algumas frases, todas da página 176 do livro:

«Todos os esperantistas sabem que os espíritas favorecem muito o Esperanto e por intermédio da língua neutra internacional fazem a propaganda das idéias de Kardec...»

«Nossa literatura católica em Esperanto é pouca. Além de «Fabíola», «História de Cristo», alguns romances e diversas brochuras, nenhum livro podemos apresentar aos esperantistas.»

«No Brasil os espíritas já editaram uma multidão de livros de propaganda, porque êles propagam o Esperanto nas rodas espíritas e o Espiritismo por meio do Esperanto. As edições da FEB (Federação Espírita Brasileira) têm esta abreviatura que significaria, para os leitores desprevenidos, edição da Federação Esperatista Brasileira... Leio no fim da página de frontespício de «O Livro dos Espíritos» (1): Livraria Editôra da Federação E. Brasileira. Sempre se abrevia o E (Espírita, Esperantista ?) nessas edições. Seus livros são para espíritas e para esperantistas, por essa confusão intencional.

«Os filhos do século são mais prudentes, mais astutos do que os filhos da luz.

«É nosso dever, como esperantistas católicos brasileiros, fazer saber ao mundo que o Esperanto no Brasil não é propriedade espírita. Edítemos, pois, obras católicas que esclareçam os êrros dêsses irmãos, cuja doutrína odiamos. Coisa muito difícil, certamente, mas necessária».

Com ódio não é só coisa muito difícil, é coisa impossível, realizar um trabalho de amor e abnegação, como êsse que s. s. atribue aos espíritas, e que nós mesmos atribuimos aos Espíritos Superiores, como Plano Divino de confraternizar os homens.

Se os espíritas têm publicado uma multidão de livros, em edições todas de-

ficitárias, e os católicos no Brasil não publicaram nada, porque os dois livros citados foram publicados na Europa, e se os católicos dispõem de recursos infinitamente maiores, como é sabido, impõe-se a conclusão de que os espíritas como esperantistas são muito melhores do que os católicos. E' uma honrosa homenagem que o livro nos presta e que nós enviamos numa prece de gratidão aos Dirigentes Espirituais do progresso humano.

Basta lermos a infinidade de mensagens em prosa e verso que os Espíritos Superiores têm enviado à Terra por intermédio de muitos médiuns diferentes, a favor do Esperanto, para que não tenhamos direito à mínima parcela de vaidade. Não temos nenhum mérito, senão o de não odiarmos a ninguém, a nenhuma ideologia, a nenhuma corrente religiosa, porque sabemos que tôdas elas correspondem a determinados graus de evolução e estão cumprindo suas missões, dentro do Plano Divino da Evolução.

Quando o autor da tese puder substituir o «*odiamos*» de seu discurso por um sincero «*amamos*», notará que a «*coisa muito difícil*» se tornará muito fácil.

ISMAEL GOMES BRAGA.

---

(1) Refere-se à excelente tradução de «O Livro dos Espíritos» para o Esperanto, de Porto Carreiro Neto, publicada há mais de dez anos e sempre louvada em escala mundial como obra prima de literatura. Porto Carreiro traduziu também «Há dois mil anos...» e «Na sombra e na luz». Outros livros espíritas traduzidos e publicados no Brasil tem sido elogiados pela crítica mundial como obras irrepreensíveis.

Epílogo do Natal...

Melancòlicamente desapareciam, lançando-se no crepúsculo vespertino, os últimos raios de sol que iluminavam este Natal.

Nunca, como desta vez, as criaturas haviam podido sentir tão sublime contacto com os céus. Todo mundo parecia enlevado e seduzido por algo divinal que lhe tocava o íntimo e, como que por milagre, todos procuravam ajudar e amar ao próximo. A bondade expandia-se sem limites; fatos extraordinários aconteciam!

Desde mêses atrás, por desígnio do Alto, vinha o nosso planeta sendo envolvido por fulgurante luminosidade de paz e amor. As estrelas longínquas, de outros sistemas solares, aliando se às do nosso, cintilavam encantadas e mais brilhantes, como que a felicitar a pobre Terra perdida no cáos dos erros e dos pecados. Sim! Eramos felicitados, pois as silenciosas mensagens estelares nos informavam de que iriamos receber a visita de nosso Rei. As outras humanidades, dos afastados mundos siderais, observavam extasiados o magnifico festim nupcial de Jesus com a sua amada Terra. Novamente se fazia, de modo imperceptivel para nós, a sacrificial descida do Mestre como em vésperas de grandes dores.

Para a vinda do Messias, formara-se sôbre a Terra um gigantesco cone iluminado, de fantásticas proporções, verdadeiro jacto ou esteira de luz, cuja abertura se perdia lá pelos confins da Via Lactea e cujos raios multicôres repousavam sôbre a nossa querida Pátria. Os céus canalizavam também, através dessa magistral figura geométrica, encravada no azul infinito, uma legião de espíritos de alta estirpe, com a incumbência de suprir de amor, bondade e luz os corações esgotados e amargurados dos homens.

Por isso, nunca os administradores públicos, assim como as criaturas em seus lares, puderam ser tão bem inspirados. Mesmo ignorando a vinda desse séquito divino, passaram os homens a tomar precauções especiais e medidas honrosas, a fim de que fosse condignamente recebido na Terra o seu Governador Celeste!

E assim, as ruas se iluminaram fartamente; as avenidas foram ornamentadas com emblemas adequados; os alto-falantes deleitavam o público com escolhidas melodias clássicas e natalinas; a inolvidável

«Noite Feliz» era ouvida em todos os pontos da metropole; as árvores das praças, tais como esperançosas noivas, transformaram-se em festivas e graciosas colunas de luz como gigantescas árvores de Natal, iluminadas a policromas luzes que as deixavam garbosas ante o carinho que o homem lhes dispensava! Chafarizes e fontes dágua lançavam bem alto graciosos jactos de líquido multicor, que caiam logo após em floridos chuveiros; os edifícios e as ruas se entrelaçavam em longos amplexos, estendendo-se em profusão alamares e cordões verdes, prateados e dourados. Os jardins familiares rápidos transformaram-se em ninhos encantados onde ricos presépios, caprichosamente ornamentados, recordavam o nascimento do Menino Jesus. Os estafetas telegráficos e os carteiros, em diligentes vai-vens, sobraçavam e distribuiam enormes quantidades de cordiais missivas de Natal; os fios telegráficos estavam sobrecarregados e exaustos na faina de tanto transmitirem palavras bonitas, gentis, de sublimado afeto. Os telefones tilintavam, teimosos, cooperando na entrega de votos de Bom Natal, de bençãos do céu, trocando juras de amor entre os nubentes. Os rádios e as televisões exibiam caprichosos programas enaltecendo o amor crístico, e, as igrejas, os templos, os centros, unidos como nunca, elevavam ardentes preces de felicidades, cantavam hinos de louvor e tributavam hosanas ao Cristo. Lá das altas torres das majestosas catedrais era ouvida a Ave-Maria, harmoniosamente badalada pelos sinos de som argênteo. A abobada celeste, cobrindo a Terra com o seu manto azul, permanecia impregnada de preces, música divinal, vibrações puras e sutis, proporcionando-nos gozo indefinivel!

Todas as criaturas humanas, e até os animais domésticos, as aves, os passarinhos, pareciam mais joviais, mais afáveis e comunicativos. Os mimos e brinquedos, dos modernos reis magos, passavam àvidamente de mãos em mãos. Os dilatados olhinhos das crianças exibiam estranha luz, ao mesmo tempo que elas eram cobertas de carícias e beijos, não conseguindo dormir — é bem verdade — porque a esperança de encontrarem uma deliciosa surprêsa no sapatinho debaixo da cama as preocupavam por demais!

Tudo era bem diferente de outros natais; a alegria e o enlevo contaminavam as almas. Todos sorriam satisfeitos e jubilosos, mas não sabiam bem o porquê daquilo tudo! Ora! nem podia ser diferente, pois Jesus e sua angelica corte estavam entre os homens; tinham vindo sentir de perto as homenagens que o homem tributava ao maior vulto do Amor, ao maior Humilde que o mundo já conhecera! Sim, Jesus acompanhado de sua corte, viera observar se realmente, após dois mil anos, os homens já haviam aprendido o «amai-vos uns aos outros», e se eram capazes, até, de lavar os pés de seus amigos, em sinal de humildade! Seria uma espécie de Exame Final a ser feito pelo Mestre!

E, nessa linda noite de Natal, nesse lindo dia de Jesus, os homens, como que repassados por mágico passe tornaram-se meigos, delicados e afetuosos. E, — coisa interessante — até os desafetos se cumprimentavam através de gentís meneios de cabeça! A concordia e a amizade haviam ressuscitado estranhamente em muitos lares, antes estremecidos, e as boas criaturas só sabiam pensar em coisas elevadas e sublimes; seus gestos, suas ações, agradavam sobremodo ao cortejo celeste que, aliás, não pudera ser pressentido pelos homens. Jesus chegou até a chorar de contentamento quando seus olhos observaram que a fartura da mesa dos ricos já se canalizava para as mãos esqualidas dos pobres. Sim, os homens, em tarefas bem organizadas, distribuiam seus excessos... Vimos nobres almas, renunciando o conforto do lar, sairem, nesse bem aventurado Natal, em visita à hospitais, leprosários e penitenciárias. Ficamos comovidos quando vimos famílias e mais famílias que se dirigiam apressadas aos orfanatos em busca dos pequeninos sem pais para agasalhalos na intimidade maternal, recordando o crístico: — vinde a mim — de Jesus. E tudo era tão espontâneo — enfim, a humanidade procurava de modo sincero imitar o Mestre!

E o bondoso Messias olhava, embevecido, tanta boa Vontade. Nunca — é bem verdade — vira os homens assim transformados e tão amorosos! Exultava o Bom Pastor, vendo, finalmente, unido o seu aprisco!

O feliz Natal, entretanto, já se ia extinguindo no calendário terreno; os raios matutinos anunciavam o repontar de um novo dia.

Jesus, de fisionomia alegre imagina-

va a melhor maneira de recompensar as criaturas terrenas; desejava também brindar seus diletos irmãosinhos! Sim, deixar entre êles o melhor dos prêmios era seu desejo.

E Jesus meditava... meditava...

Naturalmente, passar a morar nos corações dos homens seria o maior dos presentes que êle poderia ofertar, elevando, dessa maneira, os moradores deste orbe à gloriosa categoria de «escolhidos», em virtude dos méritos agora alcançados.

Eis, então, que o Mestre dos Mestres se ergue em meio de imensa montanha de Luz e Amor e vai, resoluto, bater à porta dos corações dos homens. Confiante, diz Jesus, enquanto bate ao coração de cada um: — «Meu irmão! Venho finalmente morar em teu coração!»

Mas, ó triste e dolorosa decepção! Ninguém lhe abria a porta, decorrido apenas o primeiro dia após o Natal! Os corações humanos haviam se fechado novamente, surdos aos apelos de Jesus e insensíveis às inspirações dos céus.

Jesus, então, de fisionomia pesarosa, interroga a si mesmo: — Por que razão os homens só sabem amar-me e aos seus semelhantes em um único dia dos tresentos e sessenta e cinco dias de que se compõe o ano?

E, enquanto a luminosa comitiva volitava de regresso às moradas celestes, Jesus se quedava triste e amargurado, cá em baixo, a implorar a Deus: «Pai! Eles só sabem amar no dia de Natal: contudo, perdoai-os, porque não sabem o que fazem!»

General LEVINO C. WISCHRAL.

O Judeu, sua História, sua Missão

BIANÔR MEDEIROS

«Escuta, ó Israel, o Eterno é nosso Deus, o Eterno é um».
«Sh'ma Yis-ro-el A-do-noy Elo-le-nu Ado-noy e-chod».

I. — A região privilegiada da Terra, situada entre o Mar Mediterrâneo e o rio Jordão e suas circunvizinhanças recebeu diversos nomes sucessivos, na sucessão dos tempos: 1) — A Terra de Canaã (Erets Kenáan). Kenáan era o nome de uma tribo aborígene que habitava a região. Kenáan significa em hebraico «terra baixa», mas também pode significar uma qualidade característica dos seus habitantes — «comerciantes, negociantes, mercadores», pois êste povo éra dado ao comércio. 2) — Também era conhecida por «Erets Haemori», a terra dos Amorreus. Os Cananeus e os Amorreus eram as duas principais tribos que viviam no local. 3) — O nome «Israel» aparece pela primeira vez depois que Jacó lutou com o anjo que lhe apareceu (Genese, XXXII, 28) e quer dizer «combatente de Deus». Entretanto foi o rei Saul (1.115/1.055 antes de Cristo), quem deu a nação êsse nome. 4) — Os gregos puzeram ao local o nome de «Syria», de provável origem babilônica «axur», significando «liso, plano». Aos habitantes locais o grego chamava «syrios». Os babilônios ou caldeus chamavam ao local de «Sur» e aos seus habitantes de «Assirios». Assim, sirios e assirios significam o mesmo povo. 5) — Palestina provêm de «Palixethim», nome hebraico dos Filisteus, naturais de Peleseth, que a Vulgata interpreta como «espalhada». 6) — Judéia, a terra de Judá, aparece no tempo dos Macabeus, pela primeira vez (I Macabeus, III, 34), chegando até nós através do latim «Judaea». Judeu vem de «Iehud», singular e «Iehudim» no plural, denominação dada aos descendentes da tribo de Judá. Receberam êsse nome depois do cativeiro de Babilônia, quando Zorobabel, da tribu de Judá, começou a governar. 7) — Hebreu provém de Heber, um filho de Sale (Genese, X, 24), outro filho de Beriá, (Genese, XLVI, 17). Pode significar duas coisas: passagem (do rio Jordão) ou sócio, companheiro. «Abr» significa atravessar e *ibri*, que atravessou. 8) — Os hebreus também eram denominados «hebirú» por seus inimigos, com a significação de «nômades», «bandidos».

II.) — Essa região, há seis mil anos passados ou a quatro mil anos antes de Cristo, aproximadamente, era habitada por diversos povos ou tribos diferentes: 1) — Cananeus, 2) — Arameus, 3) — Amorreus,

4) — Gergeseus, 5) — Fereseus, 6) — Jebuseus, 7) — Jeveus, 8) - Jeteus. As sete primeiras tribos parece que eram de origem semítica mas os Jeteus não o eram. Segundo o profeta Amós, os Filisteus vieram de ilha de Creta (Kaptor), por mar, lá pelo ano 1 100 antes de Cristo e fundaram cinco cidades: Gaza, Asdod, Askalon, Cat, Ekron. Outro povo de origem semítica, os Idumeus ou Edumitas, ocuparam a região ou estepes de Arabá, ao Sul do mar Morto, até o golfo de Akaba (a Elat bíblica) e a região montanhosa de Seir. Os Moabitas ocupavam a região ao Norte do Mar Morto, entre os rios Armon e Arabá. Os Amonitas ocuparam a região de Galaad, a Éste do Jordão. De todos êles os mais fortes e os maiores lutadores foram os Filisteus e os Idumeus. Também habitavam a região os Refaim, Anakim e Zuzim ou Zamzumim. Anakim significa «gigantes». Og, rei de Basan, deveria pertencer aos Refaim. Os Joreus eram anões e habitavam cavernas (Jor — cavidade, caverna). Os Egípcios dominaram essa região cerca de 1.500 anos consecutivos antes de Moisés.

III. — Moisés é palavra egipcia formada «mo», água e «isés» salvo; por isto Moisés significa salvo da água. Era êle filho do judeu Amram e da judía Yochebed ou Jocabel e tinha dois irmãos: Miriam, Aarão. Moisés foi criado pela princêsa Termutis (Bathiya), filha de Ramsés II, rei do Egipto, o faraó. Seu nome em hebráico clássico é Mosheh ben Anram. Foi êle o escolhido por Deus para conduzir as 12 tribus de Israel do Egipto para Canaân, cerca de 1 500 anos antes de Cristo. Faraó é palavra hebráica que significa «rei puro». O Egipto em hebraico é «Misraim». Goshen era a província do Egipto onde viviam os judeus escravizados, trabalhando como oleiros e pedreiros, habitando casas de bambú cobertas com folhas de palmeira. Eram estrangeiros habitando terra estranha.

Moisés, já homem feito, saíu do Egipto e foi para a terra de Midian onde ficou conhecendo o sacerdote Jethro, casando-se com sua filha Zipporah. O seu primeiro filho foi chamado «Gershom», estrangeiro em terra estrangeira, qualidades do pai e do povo de Israel.

Os israelitas tinham uma história diferente da dos outros povos: eram espíritos filhos do grande Espírito, luzes filhas da grande Luz. Seus antepassados eram nomades pastores que compreendiam o balido de suas ovelhas em qualquer parte do mundo onde estivessem, pois viviam peregrinando sempre. Muitos dos filhos de Israel viram, ouviram e falaram com o grande Espírito e fizeram uma aliança com Êle, o Eterno Incriado, Criador do Céu e da Terra e de tudo que existe no universo, o seu grande reino, do qual é o único Senhor. Para amar o judeu é preciso conhecê-lo e compreendê-lo, sentir a sua alma e o seu ideal sublime, mas infelizmente a humanidade ainda não está preparada para isso. Foi por isto que o grande Espírito prometeu a terra de Canan aos seus filhos, os «bnai Israel», os descendentes de Abraão, os eternos sonhadores e idealistas incompreendidos pelos homens do mundo, os adoradores de ídolos, os príncipes do mundo, os analfabetos do espírito, os corações impedernidos, as inteligências embotadas, cegos e surdos que não podem ver nem ouvir o Eterno e sua voz, porque são impuros, sem fé.

IV. — Foi por isto que no dia 1.º de Nisan, do ano primeiro da era Judaica, há 5.717 anos passados, Mosheh ben Anram saíu do «Misraim» chefiando os Bnai Israel, as 12 tribus que deveriam ocupar, 40 anos mais tarde, a terra prometida, através de lutas, de sacrificios, de muito sofrimento. Essas tribus foram se infiltrando na Terra de Canan, ocupando-a como segue: 1) - os descendentes de Rubens ficaram a Noroeste do Mar Morto; 2) os de Gad ficaram a Éste do Jordão, em Galaad, entre o Mar Morto e o lago de Kineret; 3) os de Naftali ocuparam a região da Alta e Baixa Galiléia; 4) os de Aser ocuparam o litoral Mediterrâneo; 5) os de Isajar ficaram no vale de Jesreel; 6) os de José ficaram no centro da região, entre o Jordão e o Mediterrâneo; 7) os de Efraim ficaram a Oeste do Jordão, mas junto dêle; 8) os de Benjamin ocuparam a zona de Jerusalém e o monte de Judá até o Jordão; 9) os de Dan ficaram na costa do Mediterrâneo, em Jafo, a (Jope grega); os de Judá ficaram ao Sul, entre o Mar Morto e os Filisteus; 11) os de Simeão ficaram ao extremo Sul, limitando-se com os Edomitas e os Amalecitas; 12) os de Arão ou Levitas, a casta sacerdotal, não tinham propriedade, porque o Senhor era a sua propriedade. Entre as cidades tomadas, uma, Cariat sefer, a cidade das letras, bem

demonstra que naquele tempo já se conhecia a escrita entre os primitivos habitantes de Canaã.

V. — Essas 12 tribus eram independentes umas das outras, mas viviam em permanente discórdia entre elas e só se aliavam contra os seus inimigos comuns, os estrangeiros. Eram doze estados confederados governados por 12 chefes diferentes. Separadas viveram até o primeiro rei, Saul, que uniu-as numa só nação, sendo esta união completada por Daví, o segundo rei. Com a morte do seu terceiro rei, Salomão, em 935 antes de Cristo, o reino de Israel se dividiu em dois reinos: 1) — Israel ou Samaría ao Norte, composto de dez tribus, tendo por capital a cidade de Samaría; 2) — a Judéia ou Judá, ao Sul, tendo por capital a cidade de Jerusalém conquistada aos Jebuseus por Daví, formado pelas tribus de Judá e Benjamim (III, Reis, XII). Os dois reinos brigaram entre si durante dois séculos, enfraquecendo-se mutuamente, sendo que o de Samaría degenerou-se, conservando-se inabalável na fé o do Sul. No ano 722 antes de Cristo, Sargão I, rei dos Assirios, conquistou o reino de Israel, dispersando-se pelo mundo Assirio as dez tribus da perdição. Judá resistiu até 586 antes de Cristo, quando foi tomada por Nabukodonosor, rei da Babilônia, rei dos Caldeus ou Caldi.

Esta fase é conhecida como o cativeiro de Babilônia. Afinal, Ciro, rei da Persia, conquistou Israel e Judá em 539 antes de Cristo, dominando-as até 332. Como Nabukodonosor houvesse destruido o templo construido por Salomão, Ciro autorizou Esdras ou Esra a reconstruir o templo e consolidar a nação Israelita. Foi nêsse tempo que Esra construiu, em Jerusalém, a primeira Sinagoga, que se espalharam, em seguida, pelo interior.

Em 332 antes de Cristo, Alexandre, o Grande, rei da Macedônia, tomou a região que dominou até à sua morte, em Babilônia. Alexandre ao morrer deixou a Palestina ao seu general Ptolomeu. Em 63 antes de Cristo a Judéia foi tomada pelos Romanos. De 132 a 135 depois de Cristo houve a revolta de Bar Koshba e os Romanos destruiram Jerusalém e o templo, massacraram os Judeus que se dispersaram pelo mundo. Em 129 a Palestina passou para o governo do Império Romano do Oriente, com séde em Constantinopla. Em 715 os Arabes tomaram a região que dominaram até 1 920, quando passou a protetorado Inglês, iniciando-se o retorno a Sião. Em 1948 foi proclamado o Estado de Israel, começando de novo o povo de Deus uma fase nova. A nova Capital é Tellaviv, cidade maritima do Mediterrâneo, fundada pelos pioneiros sôbre os areais da praia. Tell significa colina; aviv quer dizer gavelas, arroz seco ao sol, em casca, como a indicar as ondas de areia amareladas dominadas pelo espírito imortal do povo Judeu.

VI. — A missão, a predestinação do povo Judeu, como o povo de Deus, o povo escolhido para espiritualizar a humanidade está, com abundância, comprovada tanto no Velho como no Novo Testamento e muito mais ainda pela sua própria história. O Israelita é realmente o combatente de Deus. Sempre viveu lutando, sofrendo, semeando o verbo Divino. Deus é Luz e os Judeus são a luz de Deus na escuridão da Terra. Por isto, nós os gentíos do mundo, os aborrecidos da luz, nunca suportamos a Luz Divina, martirizando-os, perseguindo-os, combatendo-os por toda parte e em todos os tempos.

O Velho Testamento fala claramente dessa escolha e dessa missão, cujos textos vamos salientar, por alto, na tradução do padre Matos:

1. — Genesis, XV, 18/21:

«Naquele dia, fez o Senhor aliança com Abraão, dizendo: Eu darei à tua descendência esta terra, desde o rio do Egipto até o grande rio Eufrates, os Cineus, os Ceneseus, os Cedmoneus, os Heteus, Fereseus, os Rafaim, os Amorreus, os Cananeus, os Gergeseus e os Jebuseus.»

2. — Genesis, XVII, 5/8:

«E não mais serás chamado Abrão, mas Abraão, porque te destinei para pai de muitas gentes. Eu te farei crescer extraordinariamente e te farei chefe das nações e de ti sairão reis. E estabelecerei a minha aliança entre mim e ti e tua descendência depois de ti, através de suas gerações, por um pacto eterno; para que Eu seja o teu Deus e o Deus de tua descendência. Darei a ti e a tua posteri-

dade a terra de tua peregrinação, toda a terra de Canaan, em possessão eterna e serei o seu Deus.»

3. — Genesis, XVII, 10/14:

Eis o meu pacto entre mim e ti e a tua posteridade. Todos os homens entre vós serão circuncidados; circuncidareis a carne do vosso prepucio, que será o sinal da nossa aliança. O menino, aos oitos dias seja circuncidado, assim como o vosso escravo, o vosso empregado e êste é o sinal da nossa eterna aliança, e, quem não for circuncidado não terá parte comigo.»

4. — Exodo, XIX, 3/6:

«Moisés subiu ao Sinai e Deus lhe disse: dirás à Casa de Jacó, aos filhos de Israel: vistes o que fiz aos Egipcios e de que modo vos trouxe e tomei para mim. Se ouvires a minha voz, e observares a minha aliança, sereis para mim o povo escolhido entre todos os povos, porque toda a Terra é minha e sereis um reino sacerdotal e uma nação santa.»

5. — Exodo, XXIV, 12:

«Disse o Senhor a Moisés: sobe ao monte Sinai e espera-me e Eu te darei as táboas de pedra e a lei e os mandamentos que escrevi para ensinares».

6. — Exodo, XXIX, 9:

«Assim farás a Aarão e seus filhos e lhes porás as mitras e serão meus sacerdotes para um culto perpetuo».

7. — Exodo, XXXI, 12/18:

«Falou o Senhor a Moisés: dize aos filhos de Israel que trabalhem durante seis dias da semana e descansem no setimo dia, o sabado (Shabbat), consagrado ao Senhor que os santifica, celebrando-o como um sinal perpetuo entre vós. O que trabalhar nêsse dia seja morto». (Devemos lembrar que a Igreja Católica trocou o sabado pelo domingo, sob fundamento de que foi num domingo que Jesus ressuscitou e ainda em um domingo se deu o Pentecostes).

8. — Exodo, XL:

«E o Senhor falou a Moisés: No 1.° dia, do 1.° mês, do 2.° ano, levantarás o tabernáculo do testemunho e porás nêle a arca da aliança».

9. — Levítico, XIX:

«O Senhor falou a Moisés: Ordena aos filhos de Israel: Sêde santos, porque Eu, o Senhor, sou santo. Cada um respeite pai e mãe. Guardai os meus sabados. Eu sou o Senhor vosso Deus».

10. — Números, III:

«O Senhor disse a Moisés: chamai a tribu de Levi diante do sacerdote Aarão, ao qual servirá como auxiliar do culto, porque êles são meus. Todo primogenito é meu, do animal ao homem».

VII. — O Novo Testamento é claro, segundo a tradução do padre Negromonte:

1. — Mateus, X, 5/6:

«A êstes doze enviou Jesus dando-lhes instruções, dizendo: Não vades para os gentíos, nem entreis nas cidades dos Samaritanos, mas ide antes às ovelhas que se perderam da Casa de Israel».

2. — Marcos, VII, 26/7:

«Era uma mulher gentía da nação sirofenícia e rogava-lhe que expulsasse o demônio de sua filha. Êle lhe disse: Deixa primeiro se saciarem os filhos (os Judeus); porque não é bom tomar o pão dos filhos (os Judeus) e lançá-los aos cães (os gentíos).

3. — Lucas, XXXIV, 47:

«e que em seu nome se pregasse penitência e remissão dos pecados em todas as nações, começando por Jerusalém.»

4. — IV, 22:

«porque a salvação vem dos judeus.»

5. — Atos, I, 8:

«Mas recebereis a fôrça do Espírito Santo, que descerá sôbre vós e dareis testemunho de mim em Jerusa-

lém, em toda a Judéia e Samaria e até as estremidades da Terra».

6. — Mateus, XV, 24/27 :

«Ele respondendo-lhes disse : Eu não fui enviado senão às ovelhas que se perderam da casa de Irael.»

7. — Atos, III, 5 :

«Vós sois os filhos dos profetas e da aliança que Deus estabeleceu com vossos pais, dizendo a Abraão : e na tua descendência serão abençoadas todas as nações da Terra.»

8. — Atos, XXVIII, 23/24 (Paulo em Roma onde esteve preso durante dois anos ensinando aos Judeus de Roma :)

«Mas, passados três dias, convocou Paulo os principais dos Judeus. E quando se reuniram lhes disse : Varões irmãos».

(Continua)

Quatro Faixas de Consciências

(Adaptação de um Esquema do Livro «ASCESE MÍSTICA» do Prof. Pietro Ubaldi).

Segundo os tipos humanos observados em todos os lugares e em diferentes épocas, existem quatro grandes faixas de consciências, a saber :

a) Consciência sensória ;
b) Consciência racional ;
c) Consciência intuitiva e
d) Consciência mística.

Lògicamente, evoluem os tipos humanos por uma infinita série de corpos, passando de um estágio a outro, sem que existam entre êles fronteiras rígidas, linhas demarcatórias fixas, radicais.

O plano de consciência sensória assinala o plano físico de consciência que começa a desabrochar, mecânica, instintiva. Devido à sua rudeza, ignora uma interpretação qualquer do Universo. E' um psiquismo superficial, incapaz de indagar, longe ainda do «por que», indiferente aos esquemas de leis, à lógica, às hipóteses, às teorias. E' o nível humano do bruto (Homem da Caverna) vegetativo, emerso da besta.

Pelas múltiplas exercitações, passa o homem do nível de consciência sensória às tentativas de ascensão. Encanta-se na observação de fenômenos relativos, traça hipóteses, racionaliza, tocando, entretanto, os fenômenos *«de fóra»*, observando-os objetivamente, contudo, sem poder penetrar-lhes a intimidade, «vivê los» substancialmente. A psíquê de superfície começa a experimentar os vôos no campo do «Imponderável», sem poder abandonar, de súbito, a faixa sensória da percepção concreta, na observância de fatos registrados pela Metapsíquica nas sessões experimentais de materializações de sêres desencarnados, efeitos físicos, voz direta, psicografia, etc.

O período de pesquisa aí é evidente, todavia, sempre como uma Verdade que não se mostra em Seu Todo, sim, fragmentàriamente. O indivíduo realça o seu sistema filosófico, religioso, político e demonstra «os êrros» dos demais.

Depois de consecutivas e persistentes buscas que esta faixa racional analítica favorece, a insaciedade permanece ; vezes inúmeras surge, trazendo a sensação de exaustão.

Observam-se os fenômenos, catalogam-se os fatos, sem, contudo vivê-los.

O plano de consciência intuitiva principía por uma caminhada às avessas ; ao envez de se encaminhar «para fóra», comparando, controlando, definindo, a criatura caminha «para dentro», sondando os profundos abismos de sua psiquê, buscando realizar um levantamento de sua própria personalidade, compreendendo-se para compreender o mistério das coisas. Em dados momentos capta, por ressonância, as emanações de planos conscienciais afins, existentes na Vida.

Para a consciência intuitiva os planos e os fenômenos da Natureza estão encadeiados, não fixos. Há uma como que transição nos múltiplos élos da corrente. Tudo é a exteriorização de um «vir-a-ser» perene. O bruto é a verdade de seu nível, como o é o santo na sua faixa. Do homem vegetativo (consciência sensória) ao homem moderno, analista e racional e

deste ao hipertrófico psiquismo do gênio ou do santo, existe apenas uma longa caminhada que a alma realiza, enriquecendo-se de experiências multiformes e decorrências morais.

O sêr intuitivo ou o que se lhe aproxima na faixa evolutiva não apalpa mais os fenômenos, examinando-os «de fóra». Experimenta-os por sintonia. Sente-os como um desdobramento de si mesmo. Há uma íntima ligação entre sua alma e a alma das coisas. A intuição é a característica fundamental destes sêres. Crepita uma chama interior. A criatura, devido a longas exercitações, realizadas em vidas anteriores e continuada nesta, fixa-se num clima de altíssima tensão espiritual. Muitas vezes a palavra não pode expressar o pensamento, devido a elevada velocidade deste. O corpo está distante da alma e nesta última há um feixe de faculdades novas que não se externam por meio de órgãos físicos.

E' inútil pretender-se que os espíritos desta natureza se mesclem no ramerrão da vida. São incompatíveis com o meio. Não trocam a serenidade interior pela agitação exterior, na qual se locomove a maioria, suspeita como padrão.

Acima deste plano, raríssimos homens penetraram num outro, inconcebível para nós, entretanto, plano real, por ser grande a série de heróis, gênios e santos do Cristianismo e de outra expressões religiosas, que nos deram exemplos de sua existência.

Da faixa mística, supranormal,—pelo que externa o indivíduo, deixa-se transbordar em amor, ternura, humildade e renúncia. A consciência mística tende a distanciar-se de questões e problemas, informações e pareceres, definições e teorias. Só sabe doar-se, por amor.

Nesta faixa de consciência habitam Cristo, Jeremias, São Francisco, São Vicente, Santa Terezinha, Alcione, Lívia Lêntulus e outros personagens místicos de épocas recuadas.

Prefere o místico o clima tépido do amor às «estéreis divagações científicas ou filosóficas» (para êle).

E, como a reencarnação é um fato, os sêres que especificamos podem muito bem «nascer» na Terra, sem a necessidade de recapitular conhecimentos em Academias ou Escolas. Apresentam-se tais quais são. Daí a inutilidade de desejarmos que se conheça primeiramente tal ou qual ciência para, «a posteriori» passar-se adiante.

O místico (não o religioso beato e barato, amante da fé cega) é paixão ardente, vibração perene. E' amor.

Finalmente, nota-se, através dos quadros apresentados, uma sinfonia divina executando o Hino da Vida!

NEWTON BOECHAT.

LIVROS E AUTORES — *LEOPOLDO MACHADO*

CALEIDOSCÓPIO DE RIMAS, *de Dinamérico A. Crespo.*

Conhecemos Dinamérico A. Crespo em Pernambuco durante nossa primeira excursão àquela terra, há mais de vinte anos.

Seu conhecimento e sua amisade foram das poucas coisas que nos ficaram até o presente.

Dele, tratamos, laconicamente, no *Ide e Pregai*, à pág. 198. Escrevemos coisas assim «E' um abnegado, o Dinamerico. Tem uma enorme cicatriz na fronte, de um tumor curado fluìdicamente, à distância. Veio buscar-nos à Recife. Fomos em dois autos».

—

Recebemos, ha um ano, ou mais, seu *Caleidoscópio de Rimas*, para prefaciar. Sem saude e em constante e contínuas recaídas, mal pudemos ler, superficialmente, suas estrofes, sentindo as vibrações fortes de seus versos, e anotando certas irregularidades no vernáculo e na arte poética. E' verdade que irregularidades bem menores do que as que encheram nossos primeiros livrecos de poesia, publicados, Ora, se não tivemos a dita de encontrar quem nos chamasse a atenção para as nossas tolices poéticas, entendemos que não deviamos proceder assim com o ilustre confrade, poeta inspiradissimo e bom amigo. Escrevemo-lhe com muita sinceridade e zelo, sugerindo-lhe reparações: certas expressões linguística, versos sem ritmo, sem

censura, silabação completa, e pouquissimas coisas mais.

Não tivemos resposta sua a esta carta.

Mas, agravando-se nosso estado de saude,—e a saude aparece no *Caleidoscopio de Rimas*, com esta quadrinha :

Quando se trata de bem
Eu digo sempre a miude:
O melhor bem desta vida
E' a saude.

Agravando-se nosso estado de saude, elaboramos, nos momentos de relativa calma que as injeções indovenosas nos proporcionam, para ajuntar estas linhas.

Dinamerico Crespo é poeta como nós o foramos, ou somos : poeta da velha guarda, fiel aos cânones da velha arte que Olavo Bilac celebrizou. Poeta passadista, como a gente de nossa idade, gente vista e deixada à distância pelos jovens marinetistas que vão armando por aí, de qualquer jeito, palavras e expressões às vezes sem sentido, a que chamam de poesia. Por isso mesmo que me animei a escrever-lhe, antes de devolver-lhe os originais e de enviar-lhe este prefácio.

Há no *Caleidoscópio de Rimas*, em excelente conubio artístico-espiritual : lirismo e patriotismo, espiritismo e maçonaria — aliás, o livro é dedicado a seus irmãos da *Loja Maçônica Rio Branco* — paisagismos e cromismo, descrições admiráveis e, até... humorismo, como aquele verso que diz do Cêcê.

«Comer carne de bode com farinha».

Deixe-nos elogiar aquí, com muita justiça, sua descrição sôbre a excursão a *Paulo Afonso*, e Pedra, de Delmine, que também conhecemos. Deixe-nos salientar aquí seus admiráveis *Adágios Rimados* e mais admiráveis e copiosos, *Rimas Sem Adágios*. Deixe-nos recordar aquí o grande B. Lopes nos seus cromos sempre apreciáveis, com a leitura de seu *No Campo, Bucólico*, etc. Deixe-nos sentir com êle a descrição daquela noite de São João com este verso que também é nosso.

São João de minha mocidade

Deixe-me louvar sem restrição o seu poemeto *Alagoinhas*, que nos lembrou outra Alagoinhas, que tanto conhecemos em nosso Estado.

E seu *Das Trevas para a Luz*, posto em moldes poéticos diferentes, terminando com esta bela estrofe :

Fora mister das trevas o abismo
Imagem viva do paroxismo
Da dor, dos crimes seus ;
para que o homem se voltasse atento,
olhos fitos no azul do firmamento
à procura de Deus.

Todo o seu livro está cheio da idéia de Deus, conceitos e preceitos espíritas, de coisas e casos que glorificam a Virtude, o Bem, a Caridade o amor do próximo.

Somos gratos, outrossim, a seu *Evangelho de Jesus*, que nos dedicou.

Fecha o livro com uma linda poesia dedicada à cidade em que hoje reside, *Arcoverde*.

Encerrando esta crônica, em face de minha situação e de saude atual, poderiamos glosar alguém, que disse ou escreveu :

«Tudo aquilo que se faz
Muito a custo sem saude
Implica a maior virtude...»

Coleções da «Revista Internacional do Espiritismo»

Encadernada em costaneira de couro:

Do 2.° ano Cr.$ 150,00	Do 20.° ano Cr.$ 120,00	Do 27.° ano Cr.$120,00
Do 4.° ano . . 150,00	Do 21.° ano . . 120,00	Do 28.° ano . 120,00
Do 5.° ano . . 150,00	Do 22.° ano . . 120,00	Do 29.° ano . 120,00
Do 6.° ano . . 150,00	Do 23.° ano . . 120,00	Do 30.° ano . 120,00
Do 7.° ano . . 150,00	Do 24.° ano . . 120,00	Do 31.° ano . 120,00
Do 18.° ano . . 150,00	Do 25.° ano . . 120,00	
Do 19.° ano . . 120,00	Do 26.° ano . . 120,00	

Crônica Estrangeira

Surpreendentes curas do «Mago de Nápoles»: de Vittorio de Sica e Fernandel a Lollobrigida e Martine Carol

P. Neuville.

São conhecidas as maravilhosas experiências de vidência e de magnetismo, às quais se presta, periòdicamente, Achille d'Angelo, cognominado o «Mago de Nápoles» e as não menos surpreendentes curas que êle registra, todos os dias.

Achille d'Angelo estava, nestes dias, de passagem por Paris — como turista — e pudemos com êle entreter-nos sôbre a notável atuação que desempenhou, recentemente, em Roma, por ocasião do III Congresso Nacional de Parapsicologia.

Uma Sensacional Experiência

Na presença e sob o contrôle do professor Egidi, presidente do Instituto de Fisiologia, do professor Ebon, secretário da «Parapsychology Foundation» («Fundação de Parapsicologia»), do professor holandês Zorach, presidente da Comissão Européia para o Contrôle e o Reconhecimento dos Fatos Espontâneos e de diversos outros sábios, Achille d'Angelo fez mover, à vontade, a mais de um metro de distância e pela única fôrça de seu pensamento, a hélice de um anemômetro!

Todas as possibilidades de fraude ou de truques tinham sido, cuidadosamente afastadas.

Essa experiência sensacional traz aos céticos a prova formal da existência das irradiações humanas biomagnéticas e demonstra o poder da fôrça-pensamento.

Tal experiência do anemômetro foi tentada para responder ao argumento de certos adversários do magnetismo os quais afirmaram que o taumaturgo, para ter bom êxito em suas experiências, fazia, sobretudo apêlo à sugestão.

Sugestão ?

Na verdade, até aquí, d'Angelo trabalhava, geralmente, com um individuo — nós mesmos já nos prestamos à experiência — ao qual êle pedia para fechar os olhos e a quem infligia, à distância, um certo número de «sevicias» benignas: pequenas pancadas na cabeça e nas costas, bofetadas leves ou arranhaduras, ar quente ou frio no pescoço, etc. Ao passo que a experiência se realizava, por uma mímica muda, porém, expressiva, o mago informava às testemunhas presentes sôbre os golpes dados mentalmente. Depois do que, o individuo era solicitado a reabrir os olhos e a dizer aquilo que havia sentido anteriormente. Sempre era, bem exatamente, o que d'Angelo lhe tinha feito padecer pela única fôrça de seu pensamento, a mais de um metro de distância.

Sugestão, retorquiam os incrédulos.

Mesmo que sòmente se tivesse tratado de sugestão, a experiência teria sido bastante embaraçosa; d'Angelo, porém, quís provar que a sugestão não tinha nada que ver com o negócio, eis por que êle tentou e teve bom resultado no teste do anemômetro!

Revelação do dom da vidência

A maneira pela qual Achile d'Angelo que, hoje, está com quarenta e oito anos de idade, descobriu seus dons de vidência e de magnetismo é, por si só, mais do que surpreendente.

Até à idade de vinte anos, d'Angelo não se tinha, de forma alguma, interessado por essas questões psíquicas. Nascido numa família muito modesta de Campobasso, na Italia meridional, havia exercido, com resultados diferentes, diversas funções, até que descobriu uma vocação de «homem-sanduiche»!

Certo dia em que passeava, assim, profissionalmente, pelas ruas de Nápoles, falando com ênfase, deu uma queda de cabeça, suficientemente grave para que o transportassem, imediatamente, para o hospital.

Qual não foi a estupefação da corajosa irmã de caridade encarregada de velar por êle, ao ver chama-la, doente em delírio, por seu verdadeiro nome, o do estado civil, que, ninguem, no hospital, conhecia e d'Angelo, menos do que nin-

guem, pois que era vista por êle pela primeira vez em sua vida!

Tão bem ainda não descansara nesse primeiro milagre, não sòmente chamava a religiosa por seu nome, mas também lhe falava de sua família, de seus irmãos, de suas irmãs, de seus pais, chamando-os pelo nome e descrevendo-os como se os tivesse conhecido sempre.

A pobre irmã de caridade não esteve longe de acreditar em alguma diabrura, mas para Achille d'Angelo isso foi uma revelação. Incontestavelmente, êle possuia um dom de vidência extraordinária.

Uma cliente de nomeada: A Rainha da Italia

Curado, resolveu pôr êsse dom à prova e desenvolvê-lo. Conseguiu-o tão perfeitamente que é, hoje em dia, capaz de nada mais do que, ao ter apertado a mão de um desconhecido, contar-lhe todo seu passado e de lhe falar dos membros de suas famílias como se tivesse vivido anos a fio, no meio dêles.

Esse dom de vidência que se aplica tão bem, aos problemas físicos quanto aos morais, deveria conduzi-lo, muito naturalmente, a tentar a cura daqueles dentre os seus consulentes que, doentes exprimissem diante dêle seus sofrimentos.

Bem entendido, Achille d'Angelo não curou todas as enfermidades nem todos os doentes. Obtem maiores sucessos nas afecções de ordem psíquica, nas enfermidades de origem nervosa tão bem como nas afecções orgânicas. Alcançou êxito maravilhosamente, em todos os casos de inibição, nas doenças mentais, se estas não estiverem por demais evoluidas.

Obteve, porém, também, resultados bastante espetaculares no tratamento das afecções da vista. Cuidou, notavelmente com suceso, da Rainha da Italia.

De Pietro Nenni... A Lollobrigida

Um certo número dessas curas foram efetuadas sob o contróle médico mais severo. Assim foi que o professor Nicôlas Pende, cuja reputação em matéria de endocrinologia, é mundial, reconheceu «o valor incalculável» do dom do «curandeiro», e que o professor Carletti, sábio reputado, e que, notavelmente, pôs em prática a teoria da técnica do eletro-choque, êle mesmo também, reconheceu a eficácia dêsse dom.

Não mais se enumeram as personalidades que se beneficiaram dos cuidados de Achille d'Angelo: Vitorio de Sica, Maurice Bedel, Leonide Moguy, Ida Einaude, o próprio Fernandel, que tinha perdido o sono e que o reencontrou, graças ao taumaturgo, Martine Carol e muitos outros.

É, entretanto, no domínio da vidência que Achille d'Angelo pode ser considerado como o guia, o conselheiro das artistas. De Gina Lollobrigida a Pietro Nenni, do rei Umberto a Toscanini, não há um grande nome na Italia—e em outros lugares — que não figure no livro de ouro do célebre mago.

Achille d'Angelo não tira daí nenhuma vaidade pueril. Verdadeira fôrça da natureza, vivendo alegre, leva êle uma existência ativa, mas simples, entre a esposa e suas filhinhas, das quais uma, a mais jovem, parece ter herdado o dom paterno.

De «O Correio da Manhã», do Rio de Janeiro.

«Encontre o meu corpo...»

De «Estudos Psíquicos»

Fate Magazine de Fevereiro de 1955 publíca um artigo de Maud Johnson relativo à tempestade que em 6 de Fevereiro de 1942 se desencadeou em S. Francisco, provocando aluimento de terras ao lado do Monte Davidson e destruindo cinco casas.

De uma vivenda soterrada retiraram um homem idoso que viveu o suficiente para informar que sua irmã estava na cozinha na altura do desastre, embora o corpo da pobre mulher não fosse encontrado pelos trabalhadores que haviam escavado nas ruínas.

Três dias depois a senhora Maud Johonson ouviu pelo rádio que ainda continuavam à procura do cadáver. Em seguida desceu à cave, cujas janelas davam para um muro branco lateral e, de repente, quando olhou para a janela, não viu o muro, mas o lugar da catástrofe, apesar de não ter presenciado o acontecimento. A seguir viu a seu lado o espí-

rito de uma senhora idosa, de aparência absolutamente real. Até pôde notar o desenho do vestido caseiro. A entidade dirigiu-se à articulista com olhar suplicante:

— Importava-se de ir ao local a dizer onde está o meu corpo?

E apontou para um canto, no sítio onde fôra uma estrada, a considerável distância da casa destruída.

Deixemos falar Maud Johnson:

«Respondi-lhe que iria na manhã seguinte, caso encontrasse alguém que lá me conduzisse. Dito isto, o espírito desapareceu.

«Noutro dia apareceu novamente, para me informar que uma vizinha do lado se dirigia para lá e que, se me apressasse, poderia acompanhá-la.

«Assim foi. Quando chegámos ao local, notámos que a estrada estava bloqueada. Removiam a lama em torno da vivenda da senhora desaparecida. Um agente da polícia mandou-me parar, dizendo-me que não podia ir mais além, a não ser que eu vivesse numa dessas casas. Expliquei-lhe então a minha missão e fiquei agradàvelmente surpreendida ao ver que a palavra *clarividência* não lhe era estranha. E convidou-me a subir ao monte, pedindo-me que lhe dissesse se tinha descoberto o local.

«Encontrava-me agora voltada para a estrada e via à minha esquerda as ruínas da vivenda soterrada. Parecia o quadro que o espírito me mostrara, à excepção de dois pequenos pórticos que na ocasião me haviam passado despercebidos. Fiquei indecisa. Então a senhora idosa apareceu outra vez, apontou para duas barracas e aconselhou:

«— Diga lhes que cavem metro e meio em linha vertical na direção da arrecadação da casa. A dois metros de profundidade encontrarão o meu corpo, a meio da estrada.

«Dirigi-me ao agente e contei-lhe o sucedido. Na manhã seguinte, isto é, cinco dias depois da tempestade, encontraram o corpo no sítio indicado...»

Vidência confirmada

Spiritualisme Moderne insere curioso relato de uma sessão em que se verificou um belo fenômeno de psicometria e que passamos a transcrever:

Um espectador pediu ao médium Laugton que lhe dissesse alguma coisa a respeito do conteúdo dum sobrescrito que êle trazia consigo. E Laugton respondeu:

«Esse sobrescrito contém um anelzinho — uma pequena aliança de casamento — que o Sr. costuma usar no dedo mínimo da mão esquerda e que pertenceu a sua mulher, falecida no dia 13 de Março de 1950. O seu último desejo era que o Sr. a usasse sempre».

O espectador, de lágrimas nos olhos, confirmou a exatidão da vidência.

O médium continuou: «Chama-se Mary Jane e pede-lhe que anule uma decisão que o Sr. tomou, porque, a se realizar, se arrependerá amargamente. Deve repor no seu lugar as fotografias e esvaziar as duas grandes malas».

Tudo isto era verdadeiro. O espectador estava prestes a deixar a sua casa para ir viver noutro sítio. Já tinha tirado das paredes as fotografias e feito pacotes de vários objetos que metera em duas grandes malas.

De «Estudos Psíquicos»

A VIDA

A vida é ásp'ra montanha
que custa muito a subir;
A vida é a planta estranha
que muito custa a florir;

E' vau arriscado
mui mau de passar;
E' fardo pesado
bem ruim de levar;
E' charco
lodoso
mau de navegar
que barco
zeloso
não deixa vogar;
E' grossa torrente
arrastando a gente
em senda sinuosa;
Via dolorosa
que o caminheiro,
lento ou ligeiro,
tem de percorrer
para ascender
ao lumiar
a luminar
da perfeição,
farto de dôr
cheio de amôr
na sua missão...

A vida é ásp'ra cordilheira
que custa muito a transpor
A vida é vasta sementeira
que redime o semeador...

Manuel Cavaco.

Porto, 13 de Abril, 1929.

ESPIRITISMO NO BRASIL

Fim de Ano — Ano Novo

Acabamos de chegar de um tríduo de visitas variadas ao Rio, a «montanha russa», que oferece aos do interior mais emoções do que as montanhns russas dos parques de diversões. Estamos com o corpo e a alma traumatizados. O banho de mar, o trem elétrico, os lotações, os ônibus, os bondes e o footing promoveram uma total revulsão física em nosso organismo, com profundos reflexos psíquicos; e as atividades de ordem espiritual, participando de assembléias várias, programas de rádio da L. B. V. e da Hora Espiritualista João Pinto de Souza, festas do 15.º aniversário do Lar de Jesus, etc., agiram como sublimação mental, revolucionando os nossos pensamentos. Por isso, regressamos ao remanso de Volta Redonda, onde o Paraíba deslisa sereníssimo, contornando a cidade como um namorado em sonho cinge a sua amada, em êxtase. Voltamos super-carregado, super-nutrido, espiritualmente, e semi-morto, materialmente, pela ação dos profundos desgastes fisiológicos sofridos.

Se não fôramos transportados na maca incomparável das vibrações fraternas por toda a parte, teriamos, por certo, desencarnado nesta visita.

No Auditório da «Rádio Mundial», a Rádio da Bôa Vontade, às 6,45 hs.

Três dias seguidos ali amanhecemos: dias 30 e 31 de Dezembro de 1956 e dia 1.º de Janeiro de 1957. E participamos diretamente das delícias irradiadas nos três respectivos *Programas da Legião da Bôa Vontade*. Levamos os abraços dos companheiros diretores do Núcleo n.º 12 da L. B. V. de Volta Redonda, e de todos os seus colaboradores, aos diretores e colaboradores do Núcleo Central, entregando-os a Alziro Zarur e Maria Juçara, que vieram ter até nós, onde nos encontrávamos assentados, no auditório da Rádio Mundial, às 6,30 hs. do dia 30. O gesto de Zarur e Juçara, descendo o palco e vindo ao nosso encontro na platéia, emocionou-nos profundamente; e tomámo-lo como uma distinção aos legionários do interior que aportaram à Cidade Maravilhosa, cheios de entusiasmo pelo movimento da L. B. V. e vibrando de admiração excepcional pelos seus diretores, chefiados pelo Presidente Nacional. Realmente, a admiração dos legionários interioranos chega às raias da veneração; e é digno da melhor atenção da diretoria nacional. Todo cuidado nêsse sentido, toda solicitude de Alziro Zarur e de seus companheiros, como acontece, é alicerce seguro para a vitória final. E Zarur, a cada dia que passa, vai comprovando esta verdade.

Hora Espiritualista João Pinto de Souza

Apenas terminado o Programa da L. B. V., presenciamos o Programa da Hora Espiritualista João Pinto de Souza, onde abraçamos Geraldo de Aquino, seu dinâmico diretor desde que João Pinto a deixou, e os seus diligentes colaboradores daquele domingo, o último de mais um ano de programação: Dr. J. C. Moreira Guimarães, Professor Ramiro Gama e Srta. Maria Lina Teixeira Dias. Conosco, também, estavam os legionários representantes dos núcleos da L.B.V. da Paraíba do Norte, de Curitiba e de Belo Horizonte, todos solidários com Geraldo de Aquino e seus companheiros, levando-lhes congratulações por mais um ano de atividades tão proficuas e augurando lhes novas vitórias e redobrados trabalhos no Ano Novo. Isso mesmo dissemos ao microfone, gentilmente a nós oferecido, por um minuto, pelo querido confrade Geraldo de Aquino. Nessa oportunidade, a legionária poetisa Nair Cravo Westphalen, 1.º secretário do Núcleo da L. B. V. de Curitiba, encantou-nos lendo uma formosa página de sua autoria.

«Lar de Jesus», de Nova Iguaçú, no dia de Ano Bom

Após assistirmos o 1.º Programa da Boa Vontade da L. B. V., no Ano Novo, em que gozamos do privilégio de ouvir ainda uma vez mais a poetisa Nair Cravo Westphalen, numa mensagem fraternista de alto valor literário e cristão,

rumamos para Nova Iguaçú, pelo elétrico das 9 horas. Lá passariamos o dia do 15.° aniversário do LAR DE JESUS, no próprio Lar onde habitam «O Gigante de Nova Iguaçú» e as suas 40 filhas. Descemos do trem e subimos a encosta, que a brisa fagueira perfuma com os fluídos da caridade, insuflados dos Céus pelo coração de mamãe Marília Barbosa, sôbre o Lar de Jesus que ela plantou e viu germinar e florir naquela grata altaneira. Chegamos justamente quando o «Gigante» viúvo regia o côro das suas 40 filhotas, prestando o culto cívico do Símbolo da Pátria do Evangelho, que subia panejante, asteiado por uma delas, precisamente aquela que o Lar recolhera com 4 anos e hoje contava 19 anos, educada e instruida, e diplomada professora normalista, sempre à sombra da mamãe Marília, e professora nomeada pela Prefeitura de Nova Iguaçú para ministrar instrução às suas irmãzinhas no Lar. O «Gigante de Nova Iguaçú», professor Leopoldo Machado Barbosa, embora lutando contra doença física, dá-nos a nítida impressão de agigantar-se num crescendo constante, a medida que o tempo corre. E' Mamãe Marília, do alto, e Papai Leopoldo, de baixo, chefiando os seus colaboradores de um e outro plano, para grandeza maior de suas almas e progresso ininterrupto do Lar de Jesus e dos outros Lares brotados dêste Lar por êsse Brasil, brôtos que se contam por cerca de 40. Um brôto para cada filha habitante do Lar de Jesus! Por certo a notícia dêsse dia de festa no Céu e na Terra, os leitores irão ter noutra página desta folha, ou em outras folhas, para sua emoção maior. Aquí queremos apenas dizer que começamos êste ano de 957 no convívio do LAR DE JESUS, êsse Lar sementeira, que iniciou no Brasil a escola técnica do «Espiritismo de Vivos para Vivos», sonhado, pregado e exemplificado por aquele homem conhecido por «O Gigante de Nova Iguaçú», a quem podemos chamar «O Gigante da Pátria do Evangelho», pois, ninguém mais do que êle fez em nossa Pátria, em todos os setores da nossa Doutrina, téorica e pràticamente, no reforçar o tripé que a sustenta—Ciência, Filosofia e Religião. Nêsse dia beijamos as mãos do professor Leopoldo Machado, de onde saiu toda a literatura do Lar de Jesus e quasi toda a literatura que serviu de base para a criação das Mocidades Espíritas organizadas, de que se tornou êle o pioneiro paladino; e osculamos a sua cabeça encanecida, que serviu de forja para acondicionar as idéias em fôrma apropriada, na realização dêsses dois Movimentos, o da criança e da mocidade, grandes, incomparáveis, os de maior importância para tornar a Nação, como profetizou Humberto de Campos, através da mediunidade ímpar de Chico Xavier, Pátria do Evangelho e Coração do Mundo.

Jesus abençôe os lidadores de sua Seára que morrem no serviço sem olhar para trás, sem arredar pé do caminho e sem tirar a mão da charrúa, como Leopoldo Machado e seus pares!

Aleixo Victor Magaldi.

(Pela Confraternização Espírita Sul-Fluminense, pela Associação Espírita Estudantes da Verdade, e pelo Núcleo 12 da L. B. V.).

RJ — Volta Redonda, 2 de Janeiro de 1957.

Campanha Pró-Máquina de «O Clarim»

Donativos ofertados até a presente data: Cr. $ 183.778,00.

Deixamos de publicar a relação nominal dos contribuintes para esta tão oportuna e útil campanha, porque já o estamos fazendo em «O Clarim».

Agradecemos a todos o valioso concurso nesta tarefa comum de trabalhar pela difusão da Doutrina, almejando-lhes paz e saude.

Selo Comemorativo

Em 31 de Dezembro de 1956 foi assinada a ordem ministerial para emissão de um sêlo comemorativo do 1.° Centenário da Codificação do Espiritismo.

Será um belo sêlo com retrato de Allan Kardec ao lado de um livro aberto sôbre o globo terrestre.

Como existem no mundo todo colecionadores de sêlos que conhecem a história de cada sêlo comemorativo, será imenso o número de pessoas que terão

de tomar conhecimento da existência de uma coisa muito importante para nós, chamada a Codificação do Espiritismo.

O sêlo será posto à venda em todas as agências postais do País no dia 18 de Abril próximo.

Representante

Comunicamos aos confrades residentes em Pindorama, que o sr. José Alves Pereira foi nomeado nosso representante nessa cidade, com autorização para angariar, reformar e receber assinaturas para «O Clarim» e «Revista Internacional do Espiritismo».

Conselho Federativo Nacional

Órgão da Federação Espírita Brasileira

Súmula da Ata da Reunião realizada em 5 de Janeiro de 1957.

Aberta a reunião, como sempre, após a prece inicial proferida pelo Presidente, é lida e aprovada a Ata da Reunião anterior, realizada em 1 de Dezembro de 1956. Lido o expediente, o Presidente comunica a fundação da Federação Espírita de Mato Grosso, em Cuiabá, e informa que a 18 de Abril próximo será lançado, pelo Departamento de Correios e Telégrafos, um sêlo postal, do valor de Cr. 2,50, e um carimbo obliterador, ambos comemorativos do Primeiro Centenário da Codificação do Espiritismo.

Santa Catarina — O representante, Conselheiro Manoel Bernardino, comunica ter a Federação Catarinense renovado o seu mandato de representante junto ao C. F. N. e apresenta trabalho enviado pela Entidade para o Cadastro das Sociedades Espíritas Catarinenses.

São Paulo O Conselheiro Carlos Jordão da Silva, após apresentar um minucioso relatório dos grandes trabalhos realizados pelos espiritistas do Estado, leu a résposta dada, pela União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo, a uma carta que lhe dirigiu a Legião da Boa Vontade. Nessa carta a União declara ser perigoso, e contraproducente afastar dos trabalhos espíritas os esfôrços dos seus adeptos, e, noutro trecho, recomenda vigilância, para que não se adulterem os ensinamentos da Terceira Revelação, caindo se numa barafunda sem igual, comentando, ainda, a inconveniência de presidentes vitalícios em sociedades que tais. Apresenta também ao Conselho a sugestão, aceita com unânime satisfação, de todos acrescentarem, em suas correspondências, as palavras «*ANO DO PRIMEIRO CENTENÁRIO DA CODIFICAÇÃO DO ESPIRITISMO*».

Rio de Janeiro — O Conselheiro Major Luiz Gentil comunica a eleição da primeira diretoria da Confraternização Espírita Noroeste Fluminense, à qual se juntou o município de Sapucaia.

Rio Grande do Sul — O representante, Conselheiro Francisco Thiesen, anuncia a resolução da Federação Gaúcha de fazer uma edição especial de «A Reencarnação», em Abril deste ano, em comemoração ao I Centenário da Codificação.

Pelo Conselheiro Major Jaime Rolemberg é comunicada a cessão, pelo Ministério da Guerra, de um terreno à Cruzada dos Militares Espíritas, em Realengo, para construção de sua séde. Em breves palavras, apresenta o Conselheiro Professor Ismael Gomes Braga, a quinta edição da obra de Valdomiro Lorenz, «Esperanto sem Mestre», encarecendo o valor do livro e exaltando o trabalho dos espíritas brasileiros, na difusão do Esperanto. Com a prece final, feita pelo representante de Santa Catarina, encerra o Presidente a reunião ás dezesseis horas.

Sessão Comemorativa

Realizou-se no dia 30 de Janeiro p. p., na séde do Centro Espírita «Amantes da Pobreza», às 20 horas, uma sessão comemorativa do 19.° aniversário de desincarne do nosso querido companheiro Cairbar Schutel.

Presidiu a sessão o Presidente da U. M. E., companheiro Carlos Olson, que depois de ter feito a prece de abertura, passou a palavra aos companheiros Campêlo, Sebastião Casadei de Oliveira, Costa Filho e Joana Pedro, falando por último êle, o presidente da U. M. E. Encerrou a sessão a companheira Zélia Perche.

Um Verdadeiro Tesouro

O confrade deseja conhecer a vida de um dos mais destacados Apóstolos do Cristianismo ou do Espiritismo ? Então leia «UMA GRANDE VIDA».

Trata-se de uma obra em que o seu autor, Prof. Leopoldo Machado, um dos mais esforçados trabalhadores da seára espíta, narra a vida de Cairbar Schutel desde a sua infância até os seus últimos momentos de vida terrena. Lendo-a, vereis os traços característicos de um verdadeiro cristão : fé, renúncia, perseverança, amor fraterno e estoicismo nas lutas Lendo-a, repetimos, encontrareis fôrça, estímulo e coragem para enfrentar e vencer as lutas, conquistando tambem um lugar de destaque na vanguarda do véro cristianismo, o que significa a obtenção da verdadeira felicidade, tesouro das nossas principais cogitações.

Leia pois, «UMA GRANDE VIDA».

— A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço : cr.$ 45,00 e mais três cruzeiros para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

Médiuns e Mediunidades

Avisamos aos interessados, que já sahiu do prélo e está à venda, nova edição deste oportuno trabalho de Cairbar Schutel, que trata do desenvolvimento da mediunidade em todas as suas modalidades. E' um trabalho sintético e bem claro, os seus ensinos são de fácil compreensão, sendo indispensável aos estudiosos do psiquismo, principalmente aos médiuns e aos que desejam fazer trabalhos experimentais.

A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço : cr$.20,00 e mais 3 cruzeiros para o porte e registro.

Obras mediúnicas recebidas pelo médium Francisco C. Xavier

Reportagens de Além-Túmulo
Brasil, Coração do Mundo
Parnaso de Além-Túmulo
Cartilha da Natureza
Cartas de uma morta
A Caminho da Luz
Coletâneas do Além
Paulo e Estevão
Pontos e Contos
Alvorada Cristã
Gotas de Luz
O Consolador
Fonte Viva
Pão Nosso
Pai Nosso
Emanuel
Voltei
Nosso Lar
Luz Acima
Libertação
Vinha de Luz
Volta Bocage
Jesus no Lar
Os Mensageiros
Novas Mensagens
Há Dois Mil Anos
Missionários da Luz
Palavras de Emmanuel
Instruções Psicofônicas
Entre a Terra e o Céu
Obreiros da Vida Eterna
Crônicas de Além-Túmulo
Caminho, Verdade e Vida

TODAS ESTAS OBRAS ACHAM-SE À VENDA NA LIVRARIA «O CLARIM»
Caixa Postal, 11—MATÃO—E. S. Paulo

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho — *Redator: A Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

Ano	—	Assinatura simples	Cr.$ 90,00
Semestre	—	,, ,,	50,00
Ano	—	Assinatura registrada	120,00
Semestre	—	,, ,,	65,00

NUMERO AVULSO CR. $ 8,50

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

RUA FIGUEIRA DE MELO, 410 :—: **Rio de Janeiro**